

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Monique Brito da Silveira

LUTAS PELA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO RS:
estudo da trajetória intelectual da Professora Vera Regina Santos Triumpho (1987-1996)

Porto Alegre

2023

MONIQUE BRITO DA SILVEIRA

LUTAS PELA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO RS:

estudo da trajetória intelectual da Professora Vera Regina Santos Triumpho (1987-1996)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Beatriz Meinerz

Linha de Pesquisa: Educação, Culturas e Humanidades

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Silveira, Monique Brito da
Lutas pela Educação Antirracista no RS: estudo da
trajetória intelectual da Professora Vera Regina
Santos Triumpho (1987-1996) / Monique Brito da
Silveira. -- 2023.

84 f.

Orientadora: Carla Beatriz Meinerz.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Educação para as Relações Étnico-Raciais. 2. Lei
10.639/2003. 3. Mulheres Negras. 4. Trajetória
Intelectual. 5. Vera Triumpho. I. Meinerz, Carla
Beatriz, orient. II. Título.

MONIQUE BRITO DA SILVEIRA

LUTAS PELA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO RS:

estudo da trajetória intelectual da Professora Vera Regina Santos Triumpho (1987-1996)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Aprovada em 12 de maio de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Carla Beatriz Meinerz – Orientadora (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Maria Conceição Lopes Fontoura (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Rosinalda Correa da Silva Simoni (UFT)

Este trabalho é dedicado à Professora Vera Regina Santos Triumpho, personalidade sobre quem tive o privilégio de desenvolver este estudo e de homenageá-la nesta dissertação.

AGRADECIMENTOS

À professora Carla Beatriz Meinerz, pelo acompanhamento e orientação ao longo de todo o processo de construção da pesquisa. Agradeço pelo acolhimento, pela confiança, pelas generosas palavras de motivação e pelos ensinamentos.

À professora Vera Triumpho, pela disponibilidade para contribuir de forma ativa na construção desta dissertação. Sinto-me honrada por poder evidenciar e reverenciar uma parte da sua trajetória de vida em forma de pesquisa acadêmica.

Às professoras Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher e Rosinalda Correa da Silva Simoni, pela leitura e pelas contribuições na qualificação do projeto de pesquisa.

À Maria Conceição Lopes Fontoura, por quem tenho grande admiração, por ter aceitado o convite para participar da defesa da dissertação final.

Ao meu companheiro, Adriano, pelo incentivo, pela parceria e por estar ao meu lado, dando-me forças e, também, escrevendo sua dissertação. Juntos trilhamos o percurso do mestrado.

À minha família e aos meus amigos pelo apoio de sempre.

Ao Grupo de Orientação e ao Grupo de Pesquisa, pelo acolhimento e contribuições de cada um.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por oportunizar minha formação acadêmica e a escrita desta dissertação.

A todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

É tempo de falarmos de nós mesmos não como 'contribuintes' nem como vítimas de uma formação histórico-social, mas como participantes dessa formação (Beatriz Nascimento).

As mudanças educacionais viáveis, hoje, serão os elementos reforçadores de mudanças sociais no amanhã (Vera Triumpho).

RESUMO

A presente dissertação de mestrado em Educação objetiva compilar e analisar as produções escritas da professora Vera Triumpho, coadunadas à sua trajetória de práticas junto aos movimentos sociais e às secretarias de educação, com um recorte temporal anterior à promulgação da Lei 10.639/2003 e homologação das Diretrizes correlatas em 2004. Tal recorte visa referenciar os movimentos anteriores à criação do artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, responsável pela obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, africana, indígena e pela Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). A investigação foi realizada na perspectiva dos estudos de descolonização dos currículos, na Linha de Pesquisa *Educação, Culturas e Humanidades* do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tematiza-se, a partir da análise documental, tais como textos publicados, materiais didáticos iconográficos, assim como por meio de entrevista, o protagonismo das mulheres negras nas ações que transformaram recentemente as políticas educacionais e os currículos, na perspectiva do ensino qualificado da história e cultura africana e afro-brasileira. Essas ações foram observadas tanto em agremiações do movimento social negro organizado quanto em espaços institucionais acadêmicos e escolares. Os resultados analíticos sobre os escritos da professora Vera Triumpho foram compilados na busca por unidades e diversidades. Como unidades, considerou-se a crítica aos materiais didáticos em perspectiva antirracista, capaz de incidir sobre a autoestima das crianças e jovens de forma racista e violenta. Igualmente, reincide a construção de propostas didáticas em perspectiva antirracista, com propostas de reestruturar o fazer pedagógico nas escolas. Destaca-se, como diversidade da produção da intelectual, a inserção da crítica e da formação propositiva também nos materiais catequéticos, uma vez que sua militância esteve vinculada aos Agentes de Pastoral Negros.

Palavras-chave: **Educação para as Relações Étnico-Raciais. Lei 10.639/2003. Mulheres Negras. Trajetória Intelectual. Vera Triumpho.**

ABSTRACT

This Master's thesis in Education aims to compile and analyze the written productions of Vera Triumpho, merged with her trajectory of practices with social movements and education departments, with a temporal cut prior to the promulgation of Law 10.639/2003 and the homologation of related Guidelines in 2004. The cut aims to reference the movements prior to the creation of the article 26-A of the Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, responsible for the obligation to teach Afro-Brazilian, African, indigenous history and culture, and for Ethnic-Racial Relations Education (ERER). The investigation was carried out from the perspective of decoloniality and interculturality studies, in the research area *Educação, Culturas e Humanidades* from the *Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu)* of *Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*. This thesis is based on documentary analysis, such as published texts, didactic and iconographic materials, as well as interviews, the protagonism of the leadership of Black women in actions that have recently transformed educational policies and curricula. It is thematized with the perspective of qualified teaching of African and Afro-Brazilian history and culture. These actions were observed both in black social movement associations and in academic and school institutional spaces. The analytical results on Vera Triumpho's writings were compiled in search of unity and diversity. As units, the critique of existing curricula and didactic materials during the period, with the absence of a deeper history of Africa and black people in Brazil, capable of affecting the self-esteem of children and Young people in a racist and violent way, was considered. Similarly, the proposition of didactic materials in an anti-racist perspective is reiterated. As a diversity of the intellectual production, the insertion of critique and propositional formation is also highlighted in catechetical materials, since her militancy was linked to the Black Pastoral Agents.

Keywords: Education of Ethnic-Racial Relations. Law 10.639/2003. Black Women. Intellectual Trajectory. Vera Triumpho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – XII Congresso Nacional de Professores.....	23
Figura 2 – XIII Congresso Nacional de Professores.....	24
Figura 3 – Congresso com o Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra (GTI), com a presença do ex-presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso	29
Figura 4 – Congresso com o Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra (GTI), com a presença do ex-presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso	30
Figura 5 – Congresso em Brasília/DF com a ex-governadora do Estado do Rio de Janeiro, Benedita da Silva.....	31
Figura 6 – Congresso em Brasília com a ex-senadora da República Federativa do Brasil e atual Ministra de Estado do Meio Ambiente e Mudança do Clima do Brasil, Marina Silva	31
Figura 7 – Ex-Governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, no estande dos APNs	32
Figura 8 – Carta de agradecimento pela participação em Painel e convite para nova palestra, direcionada à Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul.....	36
Figura 9 – Capa da Revista Cadernos de Pesquisa (1987) e Texto de Vera Triumpho (1987).....	50
Figura 10 – Capa do Livro Rio Grande do Sul: aspectos da negritude e Texto de Vera Triumpho (1991)	52
Figura 11 – Mensagem/autógrafo de Vera Triumpho.....	54
Figura 12 – Capa do Livro Cultura em Movimento (2008) e Texto da Professora Vera Triumpho (1990)	58
Figura 13 – Capa do Livro Espaço Educacional e Autoria Social (1996) e Texto de Vera Triumpho (1996)	62
Figura 14 – Projetos na periferia de Porto Alegre	64
Figura 15 – Capa da cartilha A cor da cidadania (1997)	65
Figura 16 – Cartilha A cor da cidadania (1997)	66
Figura 17 – Calendário Vultos Negros no Rio Grande do Sul	68
Figura 18 – Projetos periferia de Porto Alegre	69
Figura 19 – Capa Revista Nova Escola (1991)	70
Figura 20 – Reportagem da Professora Vera Triumpho na Revista Nova Escola (1991).....	70
Figura 21 – Vera Triumpho no dia da entrevista para a pesquisa	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Linha do Tempo da Professora Vera Triumpho.....	41
Quadro 2 – Produções escritas da Professora Vera Triumpho	42
Quadro 3 – Categorias de análises	42
Quadro 4 – Materiais reunidos no dia da entrevista	44
Quadro 5 – Textos selecionados para a análise da pesquisa	48

LISTA DE SIGLAS

APNs	Agentes de Pastoral Negros
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DCNERER	Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais
ERER	Educação das Relações Étnico-Raciais
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GTI	Grupo de Trabalho Interministerial
MEC	Ministério da Educação
MNP	Movimento Negro Palmares
PPGEDU	Programa de Pós-Graduação em Educação
RS	Rio Grande do Sul
SBPC	Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Unisinos	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	SOBRE QUEM ESCREVE	15
2	A ESCRITA NA TRAJETÓRIA DE VERA TRIUMPHO	20
2.1	PROFESSORA VERA TRIMPHO E A BUSCA POR FORMAÇÃO E CONHECIMENTO	22
2.2	PROFESSORA VERA TRIUMPHO E O TRABALHO DE BASE	33
3	CAMINHOS METODOLÓGICOS	38
3.1	CONSECUÇÃO DA PESQUISA.....	40
4	ESCRITOS DA PROFESSORA VERA TRIUMPHO EM PERSPECTIVA ANALÍTICA: UNIDADES E DIVERSIDADES NO PENSAMENTO DA EDUCADORA E ATIVISTA SOCIAL NEGRASUL-RIO-GRANDENSE.....	47
4.1	CRÍTICA AOS MATERIAIS DIDÁTICOS EM PERSPECTIVA ANTIRRACISTA	49
4.2	CONSTRUÇÃO DE PROPOSTAS DIDÁTICAS EM PERSPECTIVA ANTIRRACISTA	58
4.2.1	A luta antirracista como compromisso permanente	71
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS.....	77
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	81
	APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista.....	84

1 INTRODUÇÃO

A maioria das vezes, é no seio do movimento negro organizado que o professorado tem buscado capacitar-se para encarar o desafio de promover a educação das relações étnico-raciais. As instituições de ensino superior começam agora a entender a necessidade de voltar-se para essas questões, até porque é preciso cumprir a legislação vigente que estabelece as diretrizes curriculares que vêm atender, de modo especial, a realidade do povo brasileiro (TRIUMPHO, 2004, p. 22).

A frase acima expressa a potência da produção intelectual de Vera Regina Santos Triumpho. Ela foi registrada em escritos que se tornaram o foco de meu estudo. O tema é relativo à experiência da escrita, que surge da militância comprometida com o combate ao racismo pela educação. O trecho revela a qualidade da produção do pensamento das mulheres negras que se movimentaram por causas emancipatórias para a população negra e para a reeducação de toda a sociedade brasileira, especialmente a partir dos anos 1970 do século XX, momento no qual o Movimento Negro se organiza de forma unificada em nosso país.

A presente dissertação de mestrado objetiva compilar e analisar as produções escritas, dessa educadora negra gaúcha, coadunadas à sua trajetória de práticas junto aos movimentos sociais e às secretarias de educação, com um recorte temporal anterior à promulgação da Lei 10.639/2003 e à homologação das Diretrizes correlatas em 2004. Tal recorte visa referenciar os movimentos anteriores à criação do artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, responsável pela obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, africana, indígena e pela Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER).

A investigação foi realizada na perspectiva dos estudos de decolonialidade e interculturalidade, na Linha de Pesquisa *Educação, Culturas e Humanidades* do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além disso, este estudo tematizou o protagonismo das mulheres negras nas ações que transformaram recentemente as políticas educacionais e os currículos escolares e universitários, na perspectiva do ensino qualificado da história e cultura africana e afro-brasileira. Essas ações são observadas tanto em agremiações do movimento social negro organizado quanto em espaços institucionais acadêmicos e escolares.

O estudo foi delineado por meio do aprofundamento da trajetória de ativismo político e pedagógico da professora, citada e reconhecida em obras compiladas por Alex Ratts (2013; 2021), conforme a citação a seguir, referente ao artigo sobre mulheres negras em destaque nos anos 1970 e 1980 do século XX:

Várias *intelectuais ativistas negras* podem ser destacadas neste período: Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento no Rio de Janeiro, Thereza Santos em São Paulo, Mundinha Araújo no Maranhão, *Vera Triumpho* e Marilene Paré no Rio Grande do Sul, entre outras (RS) (RATTS, 2013, p. 5, grifos meus).

A intelectual é mencionada, também, na obra *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida*, de Beatriz Nascimento, como uma especialista negra inserida em universidades que contribuiu com iniciativas que antecedem a demanda pela história e cultura africanas e afro-brasileiras, devidamente reconhecida pelo Estado brasileiro nos anos 2000 (RATTS, 2021, p. 17). Destaca-se a importância de assentar academicamente os modos de pensar e de agir de professoras negras, capazes de enfrentar as especificidades do racismo em solo sul-rio-grandense.

A escolha por considerar uma trajetória determinada não confere ao estudo a singularidade de inserção no campo específico da história da educação ou de construção de uma biografia e história de vida, pois o que se almeja é a análise documental da produção do pensamento da intelectual. Para a consecução metodológica, a partir de uma abordagem qualitativa, optei por fazer uma análise do conteúdo documental (MINAYO, 2001) das produções escritas da professora Vera Triumpho, entrecruzada com entrevista/conversas com a pensadora e ativista. Durante a realização da entrevista, pude ter acesso a vários documentos, como fotos, cartilhas, folders, revistas e objetos de vínculo com a luta antirracista, que, na medida do possível, serão considerados na análise que apresento como dissertação final.

A pesquisa se inscreveu no campo da Educação, com interface nos estudos de EREER e da história das lutas por educação empreendidas pelo movimento negro brasileiro. A escolha desse tema de pesquisa parte da constatação da importância das ações de pessoas e agremiações negras vinculadas à construção de uma educação de maior qualidade para toda a nação, a partir do princípio da equidade e do currículo com a presença da história e cultura de todos os grupos étnico-raciais que compõem a brasilidade.

1.1 SOBRE QUEM ESCREVE

A seguir, destacarei minha trajetória pessoal e os caminhos teórico-metodológicos que trilhei para construir a presente dissertação.

Realizo uma breve narrativa de minha trajetória de educadora negra, com o desejo de que se compreenda como ela se entrelaça, na forma de projeção de dissertação de mestrado, com o itinerário da professora Vera Triumpho. Ambas somos professoras negras na Educação Básica, comprometidas com a educação antirracista e que trilharam caminhos com demandas e desafios cotidianos.

Falo do lugar de professora alfabetizadora em escola pública e pesquisadora no campo da Educação. Ingressei no Mestrado em Educação com o objetivo de refletir sobre as intersecções de minha prática educativa com a Base Nacional Comum Curricular, mas, à medida que fui me confrontando com leituras de autoras negras e com a temática da EREER, novas questões me instigaram. Fiquei muito motivada a compreender a inserção de pensadoras negras no mercado editorial e, assim, comecei a ler sobre biografias e histórias de ativistas do feminismo negro, como bell hooks e Sueli Carneiro, por exemplo. Ao ingressar no Grupo de Trabalho vinculado ao Projeto de Pesquisa *Faculdade de Educação e Movimento Negro Educador: relações construídas antes e depois do marco legal das ações afirmativas na Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, coordenado pela professora Carla Beatriz Meinerz, comecei a observar a importância da professora Vera Triumpho nas lutas da educação antirracista no Rio Grande do Sul. Estudar essa pensadora foi como buscar forças para a minha própria encruzilhada pedagógica “[...] no alargamento de possibilidades explicativas de mundo e conseqüentemente no *cruzo* dessas possibilidades [...]” (RUFINO, 2019, p. 272) e, então, encontrar meu lugar na academia. Identifico, nas palavras de bell hooks (2017, p. 83), expressões de meus sentimentos, como no trecho a seguir:

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao meu redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi, na teoria, na época, um local para a cura.

A autora, com essa escrita, toca profundamente o meu íntimo, pois, durante muito tempo, eu pensava o quão difícil seria adentrar na Pós-Graduação. As crenças

limitadoras me faziam duvidar de que pudesse conciliar o meu fazer docente com um aprofundamento teórico de qualidade. Profissionalmente, tenho uma bagagem com práticas significativas, porém senti a necessidade de ir além, de me colocar como pesquisadora, de me preparar para ter outras experiências que não somente a Educação Básica, onde me constituí como professora.

Para descrever como cheguei a esse tema de pesquisa, entendo ser relevante dizer de onde falo. Meu lugar de fala (RIBEIRO, 2017) é o de uma professora com formações voltadas à área da Educação – Magistério, Pedagogia e especializações. Atuo nos anos iniciais do Ensino Fundamental em escola pública municipal, isto é, na Educação Básica, tanto na minha formação pessoal quanto profissional. Então, eu levo um pouco disso para a universidade.

A escola, como espaço público, vive os dilemas da consolidação desse difícil enfrentamento das práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas, uma vez que, como espaço sociocultural, tende a reconstruir a informalidade pautada na falta de igualdade (MEINERZ, 2017, p. 67). Para uma pessoa negra, é por meio do estudo que se realiza um possível processo de ascensão e reconhecimento social, por isso as comunidades negras, especialmente lideradas por mulheres, sempre lutaram pela escolarização e educação de suas crianças e jovens. Mas estudei em escolas que não observavam a positivação de minha história e de minha presença como pessoa negra. Hoje, percebo o significado de tal silêncio nas práticas pedagógicas de minha escolarização. A professora Vera Triumpho (1991, p. 21) denuncia que “[...] a ausência de gravuras com crianças negras, nas escolas, é uma prática pedagógica racista porque omite a cultura dos afro-brasileiros. O racismo, numa situação como essa, está explícito através do silêncio”.

Minha escolha para atuação profissional na área da educação começou nas brincadeiras da infância. Sou da época em que as meninas tinham duas opções de escolha de profissão: ou iam para área da saúde, trabalhar como enfermeira, ou para a área da educação, atuar como professora. A docência, para as mulheres negras, foi uma opção política viável, o que, para mim, não foi diferente. E parece que essa experiência não se resume ao caso brasileiro, pois bell hooks (2017, p. 10) escreve que “[...] para os negros, o lecionar – o educar – era fundamentalmente político, pois tinha raízes na luta antirracista”.

Hoje com estudo, formação e conhecimento, através das leituras de pesquisadores, teóricos, da realização de estágios em algumas escolas, da

experiência em sala de aula, da troca com colegas, pesquisa, entre outros, entendo que as práticas de ensino desenvolvidas naquela época ainda persistem nos dias atuais em alguns contextos escolares, o que faz com que o mesmo modo de ensinar permaneça, isto é, muitas vezes sem espaço para o aluno emitir opinião, sanar possíveis dúvidas, fazer trocas, suposições, expor suas ideias, sua história e sua cultura. Assim como bell hooks (2017, p. 31), investi na minha formação continuada, pois, “[...] embora quisesse seguir carreira de professora, eu acreditava que o sucesso pessoal estava intimamente ligado à autoatualização [...]”.

Após a conclusão do curso de Magistério, não me coloquei de imediato em ambientes escolares, passei, então, a lecionar de forma voluntária, através da oferta de aulas particulares para crianças que apresentavam dificuldades de aprendizagem na escola, o que, para mim, foi uma experiência gratificante. Assim, procurava intensificar os estudos nas áreas em que os alunos tinham mais dificuldade, utilizando práticas diversas, de acordo com as situações por eles vivenciadas, e respeitando a individualidade do aluno, com a exploração do seu conhecimento. Por vezes, recebia retornos positivos por parte das famílias e das professoras quanto à evolução da criança na escola. Não tive coragem de cobrar qualquer valor pelas aulas particulares, visto que as famílias das crianças por mim ensinadas eram de classe baixa e não teriam condições de arcar com o pagamento das lições.

Os meses foram passando e as oportunidades de trabalho não me surgiram na área da Educação. Costumava ser incentivada por minha mãe, funcionária pública, a fazer concurso público, como garantia de estabilidade, mas, nessa época, não estavam sendo realizadas seleções. Foi quando fui em busca de colocação no mercado de trabalho.

Naquela época, um grande curtume estava contratando para o setor de qualidade. Foi onde permaneci por um período de aproximadamente dois anos e depois busquei formação na área técnica industrial. Quando saí de casa para *buscar* oportunidade na área industrial, minha mãe falou “o mundo é uma selva”. Naquele momento, eu não entendi bem o que ela quis dizer. Com o passar dos anos, com vivência e maturidade, fui entendendo o que aquela fala significava. Diversas vezes tive que encarar essa selva, permeada pelo racismo estrutural e institucional. Hoje, entendo o porquê de ter ouvido tantos “nãos” em instituições e empresas que diziam não ter vaga, ou que não haviam selecionado ninguém para ocupar determinada vaga e, até mesmo, cheguei a ouvir que eu não era o perfil que a empresa estava

procurando. Entretanto, hoje sei que talvez o perfil procurado era o de uma pessoa branca e com cabelo liso.

Retornei, porém, para a área da educação, cursando Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no Polo Universitário de Santo Antônio da Patrulha, no período compreendido entre 2013-2017. A graduação me proporcionou o contato com bases teóricas, práticas de ensino, crescimento intelectual e o desenvolvimento da docência, que faço hoje como realização.

Em 2017, fui nomeada, por intermédio de concurso público, na rede municipal de Educação de Alvorada/RS e, em 2020, na rede municipal de Educação de Gravataí/RS, como professora de Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Estar no ambiente escolar, em sala de aula, não só me faz adquirir experiência, como, também, proporciona-me a troca de conhecimentos, o compartilhamento de processos de ensino-aprendizagem com colegas e relações de interação que se constituem no ambiente escolar.

Ingressar no PPGEdU/UFRGS, em novembro de 2020, foi a realização de um sonho, que aconteceu através das ações afirmativas. Foi cursando as disciplinas na pós-graduação que meu íntimo começou a ser balançado por algumas necessidades de aprofundamento no campo dos estudos sobre pensamento e vida de mulheres negras, o que fez com que minha trajetória se entrelaçasse com a da professora Vera Triumpho, por meio da escrita desta dissertação. A defesa do projeto de pesquisa foi fundamental, pois as sugestões da banca e a presença da professora Vera Triumpho construíram novas possibilidades para a consecução do estudo.

O texto final está dividido em cinco partes, incluindo seu anúncio pela Introdução, que ora concluo. A seguir, no capítulo dois, descrevo a trajetória da professora Vera Triumpho, entrelaçando suas práticas de escrita com suas ações educativas no movimento social e em cargos de confiança nas administrações públicas estatais. No capítulo três, destaco os delineamentos metodológicos e as opções teóricas da investigação. O capítulo quatro se tornou o coração pulsante da dissertação, pois é o momento da análise dos textos escritos, que considera as unidades e as diversidades no pensamento registrado pela educadora e ativista negra sul-rio-grandense. Duas categorias de análise serão destacadas: a primeira compila a denúncia do racismo presente na educação escolar e na formação em geral do povo brasileiro, observada na crítica aos materiais didáticos em circulação; a segunda, apresenta a construção de propostas didáticas em perspectiva

antirracista. É importante destacar que os registros analisados nesta dissertação estão principalmente concentrados na produção escrita da professora Vera Triumpho. Conclui-se que a professora foi capaz de expressar indícios de uma ação coletiva nas décadas de 80 e 90 do século XX. Essas ações expressavam uma crítica profunda, mas também apontavam percursos pedagógicos para o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira em espaços escolares e comunitários. Embora esses caminhos tenham sido registrados por escrito, descobri que foram principalmente estabelecidos e replicados em formações com educadores de escolas e Agentes de Pastoral Negros no Rio Grande do Sul. As considerações finais indicam, em suma, que é possível abrir caminhos para novas investigações.

2 A ESCRITA NA TRAJETÓRIA DE VERA TRIUMPHO

Neste capítulo, busco refletir sobre a escrita na trajetória da professora Vera Triumpho, procurando compreender as motivações e os formatos de seu ato de escrever. Os principais destaques de tal trajetória, em minha análise, versam sobre: a) a denúncia e crítica aos livros didáticos e aos materiais catequéticos, que demonstram a histórica discriminação com o povo negro ensinada nas instituições educativas e escolares; b) a retomada positiva da identidade e da história do negro no contexto racista da sociedade brasileira; c) a preocupação com a autoestima das crianças e jovens negros; d) a organização de ações educativas, como cursos de formação para professores em Porto Alegre e municípios do interior do Rio Grande do Sul, assim como a sugestão de didáticas capazes de romper com a baixa autoestima negra, de modo a valorizar a história e cultura africana e afro-brasileira. São escritas vinculadas à sua militância na proposição de uma educação antirracista, conformando uma intelectualidade construída em agremiações do movimento negro gaúcho.

O título escolhido para a dissertação enquadra a professora Vera Triumpho na categoria de intelectual, pelo protagonismo do seu trabalho contra o racismo, principalmente com a produção de textos que contribuíram para a existência de políticas públicas, como a Lei 10.639/2003. Evidenciar as ações dessa intelectual é dinamizar uma pesquisa científica que expressa o pensamento de mulheres negras no Brasil. Por isso, neste capítulo vou descrever e considerar analiticamente a trajetória da professora na relação com suas escritas.

De acordo com hooks (1995), a pessoa se enquadra na categoria intelectual a partir do momento que há preocupação com a mudança social e política e que se passa a direcionar esforços para as necessidades comunitárias. Inspirada nessa afirmação, destaco que “[...] o trabalho intelectual é uma parte necessária na luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas ou exploradas que passariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes” (hooks, 1995, p. 466).

Nilma Lino Gomes (2010, p. 421) afirma que intelectuais negros

[...] são intelectuais, mas um outro tipo de intelectual, pois produzem um conhecimento que tem como objetivo dar visibilidade a subjetividades, desigualdades, silenciamentos e omissões em relação a determinados

grupos sociorraciais e suas vivências. Para tal, configuram-se como um coletivo, organizam-se e criam associações científicas a fim de mapear, problematizar, analisar e produzir conhecimento. É aqui que se localizam os intelectuais negros.

Vera é conhecida nacionalmente, destacando-se como importante militante dentro do Movimento Negro. Compreendo por Movimento Negro, a partir de Gomes (2017), as mais diferentes formas de organização das pessoas negras que politicamente se organizam e atuam na luta contra o racismo. No caso da professora em estudo, a agremiação central de sua atuação foi a organização nomeada Agentes de Pastoral Negros.

A capacidade organizativa de Vera e a luta pela valorização do povo negro subsidiaram sua atuação nos movimentos sociais. Assim, sua produção foi construída na convergência entre a militância e experiência profissional, tanto em espaços formais – escolas e secretarias de educação – quanto nos espaços não formais – Agentes de Pastoral Negros. Vera fez algumas viagens internacionais, nas quais conheceu os Estados Unidos e a Inglaterra, identificou a realidade racial desses países e debateu os caminhos de descompasso em relação ao Brasil no enfrentamento do racismo.

A ativista articulou suas experiências de docência e militância no Movimento Negro aos ensinamentos acerca dos direitos humanos, da igualdade e da equidade social, sem distinção de cor, gênero e classe. Trata-se da construção de uma intelectualidade singular, capaz de revelar sua determinação em identificar os obstáculos e propor condições para melhorar a vida de crianças e jovens descrentes de seu potencial, em contextos que revelavam o descaso com a população negra

A professora Vera Triumpho atuou no conjunto de pessoas consideradas precursoras e articuladoras das condições para a aprovação e consolidação das Ações Afirmativas em geral e da política pública curricular específica estabelecida nas Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER). Coaduno tal trajetória, ao mesmo tempo individual e coletiva, à afirmação de Nilma Lino Gomes (2010, p. 421), que destaca: [...] “esse grupo de intelectuais desafia a ciência a entender as imbricações das dimensões socioeconômicas, culturais e políticas e não de hierarquizá-las”.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2011, p. 168) cita Vera Triumpho e descreve sobre “[...] o privilégio de conviver, trocar reflexões com pessoas que,

juntamente com os grupos do Movimento Negro em que militam, têm-se esforçado para criar pedagogias antirracistas”.

Vera Triumpho é proposta de verbete no Dicionário: cem fragmentos biográficos – história das mulheres negras em trajetórias¹. A protagonista negra sul-rio-grandense nas lutas pela educação antirracista, e no debate sobre educação antirracista antes do marco temporal da Lei 10.639/03, nasceu em 03 de novembro de 1944, na cidade de Porto Alegre.

Filha de Amélia Santos Triumpho e Manoel Fernandes Triumpho Filho, casal que se conheceu no ambiente operário, trabalhadores de uma gráfica, mas que, com o passar dos anos, montou seu próprio negócio: um empreendimento que levava o nome de Tipografia Triumpho. Foi com o incentivo do pai, com o qual conversava frequentemente sobre a importância do estudo na vida das pessoas, que Vera, desde a infância, esteve muito próxima dos jornais e dos livros. Também ela adorava escrever no livro de receitas da sua mãe, o que fez com que desenvolvesse, assim, o gosto pela leitura e pela escrita.

Na herança recebida de seus mais velhos, tornou-se uma referência do protagonismo de mulheres negras nos debates pela educação antirracista. Isso aconteceu antes dos marcos legais das ações afirmativas no campo do currículo que levaram à obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, em 2003. Sua produção revela uma intelectualidade forjada nas lutas do movimento negro e na construção dos saberes orgânicos ali semeados (SANTOS, 2015).

2.1 PROFESSORA VERA TRIMPHO E A BUSCA POR FORMAÇÃO E CONHECIMENTO

A busca por formação e aperfeiçoamento de uma professora que luta contra o racismo é essencial para combater as desigualdades raciais presentes no ambiente escolar; assim sendo, a professora Vera Triumpho reconheceu a importância de se atualizar e aprofundar seus conhecimentos sobre a história e cultura afro-brasileira. Para isso, buscou e organizou formações que abordassem essas temáticas e que

¹ Em agosto de 2021, produzi a escrita do verbete VERA TRIUMPHO: INTELECTUAL ATIVISTA, PROTAGONISTA NEGRA SUL-RIO-GRANDENSE NAS LUTAS PELA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA/ANOS 1970 E 1980. As coordenadoras do verbete são as professoras Thais Alves Marinho (PUC Goiás) – lattes: <http://lattes.cnpq.br/9094700593263241> e Rosinalda Correa da Silva Simoni (UFT) – lattes: <http://lattes.cnpq.br/8310800954534480>.

trouxessem estratégias pedagógicas para o desenvolvimento de uma educação antirracista.

A professora reconheceu que os livros didáticos desempenhavam um papel crucial na formação das crianças e jovens, influenciando sua visão de mundo, perpetuando estereótipos raciais e invisibilizando-os. Portanto, ela passou a identificar e questionar as representações inadequadas ou ausentes nos livros adotados nas práticas pedagógicas das escolas em que atuava.

Além disso, a professora foi em busca de materiais de leitura, livros, embasamento teórico para transmitir informações aos alunos, para desconstruir estereótipos e promover uma visão positiva da cultura e identidade negra que era demonstrada nos livros didáticos. A professora Vera começou, nas décadas de 1970 e 1980, a participar e organizar Congressos. Nesses encontros, produziu-se sua intelectualidade, de forma orgânica, dentro das lutas do movimento social negro. A dimensão orgânica de sua intelectualidade se refere ao fato de que suas produções nasceram em espaços de comunidade e coletividade, de uma forma próxima ao que Antônio Bispo dos Santos (2015) defende como organicidade do saber construído no fazer junto das comunidades quilombolas, por exemplo. Os saberes construídos nessa perspectiva não se equivalem à sinteticidade e individualidade do que é produzido na academia. Vejamos alguns desses momentos de congregação comunitários em agremiações negras e em congressos de professorado progressista.

Figura 1 – XII Congresso Nacional de Professores



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

A Figura 1 mostra o registro da participação da professora Vera Triumpho no XII Congresso Nacional de Professores, realizado em Curitiba/PR, de 31 de janeiro a 07 de fevereiro de 1976. Esse congresso teve, como palestrante, Lauro de Oliveira Lima², por quem Vera tinha grande admiração. Nas palavras da professora:

[...] esse aqui [...] é parecido com Paulo Freire [...], ele é Lauro de Oliveira Lima, ele era muito bom [...], falava sobre questões relacionadas à Educação e o papel dos professores para o ensino e na sociedade. Ele contribuiu muito para a formação dos professores, falava também sobre inclusão escolar, que abrange o povo negro e era aí que eu tinha interesse (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

Ao referir-se ao evento registrado na Figura 1, a narrativa da professora evidencia seu empenho e disposição em participar de eventos que aconteciam em diversas localidades do país. Tal atitude demonstra que ela não mediu esforços e investiu em sua formação docente, visando maior aprendizado e reflexão, contribuindo para o aprimoramento da sua prática pedagógica.

Figura 2 – XIII Congresso Nacional de Professores



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

A Figura 2 demonstra ainda que as práticas pedagógicas em perspectiva antirracista são coletivas. Nesse sentido, através de formações com educadores de escolas e Agentes de Pastoral Negros no Rio Grande do Sul, a professora Vera

² Conhecido pela sua atuação política na educação, marcou sua carreira como “reformador educacional”, característica básica de sua atuação como educador, além da incansável batalha pela qualidade da educação. Dedicou-se à pesquisa no campo educacional (SILVEIRA, 2016).

Triumpho apontou trajetos pedagógicos para o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira em espaços escolares e comunitários.

A professora Vera Triumpho não teve um ativismo de base sintética e academicista, como observa Santos (2015), mas escreveu muito e de forma orgânica, vinculando de forma extraordinária conhecimentos científicos, escolares e sociais. Seus escritos, dotados de grande potência, circularam nacionalmente, em eventos e encontros do movimento negro, que se reorganizavam nesse período, também em espaços universitários, como a Faculdade de Educação da UFRGS, conforme documento apresentado ao final deste capítulo. Vera organizou um livro intitulado *Rio Grande do Sul: aspectos da negritude*, publicado em 1991, prefaciado por Abdias Nascimento, que evidencia a rede de relações na qual estava inserida e sua capacidade de reunir autores que escreviam sobre a temática do racismo, revelando uma escrita que nasce da experiência coletiva.

Durante a entrevista, ao ser perguntada sobre como fez para reunir os autores para compor o texto, a professora Vera respondeu que:

[...] já os conhecia dos cursos de formação, fazíamos cursos de formação toda hora, minha filha! Por exemplo, suponhamos que tu fosses uma grande líder em Bagé. Eu telefonava da Secretaria de Educação e perguntava: olha, quem sabe a gente faz um curso de formação? Eu não dizia vamos fazer, dizia quem sabe, porque podia não ter espaço para isso, mas não, a maioria das regiões foram muito solidárias com o trabalho do negro [...] (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

A fala da professora revela sua articulação com pessoas de diversas localidades, demonstrando seu compromisso com a população negra e engajamento com pessoas de diversos municípios do estado do Rio Grande do Sul.

A obra destaca a ação do Movimento Negro em solo sul-rio-grandense, enfrentando as especificidades de um espaço racista, racializado e marcado pelo “desejo de brancura” (RAMOS, 1995). Seus textos vieram a público no Brasil no período da Ditadura Militar e da reorganização do movimento negro, e primam pela intersecção entre noções de negritude e de educação. Vejamos um exemplo:

Nós, negros, temos que ocupar nosso espaço, mostrando nossa história com o brilho que ela merece e nossas interrogações devem ser respondidas através de uma educação crítica, de uma educação libertadora (TRIUMPHO, 1987, p. 95).

Acerca de sua formação escolar, Vera estudou até a 5ª série, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Duque de Caxias, na capital do Rio Grande do Sul.

Na sequência, foi para o hoje denominado Colégio Estadual Paula Soares, que na época levava o nome de Grupo Escolar Paula Soares. Naquele tempo, ela já detectava e percebia os conflitos raciais existentes no ambiente escolar. Nesse sentido, a professora Vera Triumpho diz que: “A discriminação racial sofrida pelo negro na sociedade brasileira se reflete no sistema formal de ensino” (TRIUMPHO, 1991, p. 19). E é essa discriminação que constrói o sentido de suas ações e lutas fundamentadas em construção de saberes desestabilizadores e emancipatórios (GOMES, 2017). Ela é um exemplo das ações do movimento negro educador (GOMES, 2017), na qualidade de uma mulher negra em constante ativismo. Escreveu críticas profundas e atuais acerca das práticas pedagógicas construídas nas escolas, como, por exemplo: “[...] as práticas pedagógicas nas escolas impõem ao alunado negro um ideal de ego branco” (TRIUMPHO, 1996, p. 91).

Atualmente, é professora aposentada da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. Foi professora e supervisora educacional – Assessora Nacional dos Agentes de Pastoral Negros –, secretária do Conselho Geral do Memorial Zumbi – Membro do Coletivo Estadual de Negros e Índios/RS – e membro do Comitê Estadual da Criança e do Adolescente Contra a Discriminação/RS. Atuou em distintas agremiações do que chamamos de Movimento Negro no Rio Grande do Sul, com ênfase nas lutas no campo da educação. Lecionou em colégios públicos e privados da capital, mas foi na periferia de Porto Alegre que alcançou alunos, efetivamente, de modo a oportunizar o conhecimento da história fundamentada e das contribuições que os negros tiveram para a construção do país. Em suas palavras:

O povo negro trabalhou muito para o desenvolvimento desta nação, através de atividades nos canaviais, na mineração, nos cafezais, nas Charqueadas, enfim em todos os seguimentos formadores da economia nacional. Apesar dessa realidade histórica, o povo negro nunca foi tratado como igual. A comunidade branca, embora seja minoria no Brasil, tem mantido a exclusividade do poder, do bem-estar, e da renda nacional. Mais da metade da população brasileira é descendente de povos africanos e a maioria vive em estado de extrema miserabilidade (TRIUMPHO, 1991, p. 17).

Ademais, a professora Vera Triumpho liderou o projeto *O Negro e a Educação*, quando atuou em setor pedagógico da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, no período entre 1987 e 1991, ofertando curso de formação para grupos de educadores negros nas cidades do interior do estado. Dessa maneira, ela promoveu o alcance ao conhecimento sobre o racismo existente nos municípios

gaúchos. Esse projeto tinha por objetivo empoderar a população negra, desenvolvendo questões relacionadas à aceitação e à valorização do sujeito negro em sua totalidade: cor, cabelo, modo de vestir, crenças, bem como criar alternativas para jovens em situação de vulnerabilidade social, orientando-os e dialogando sobre a importância de integrar os espaços na sociedade através da educação.

Como coordenadora estadual dos Agentes de Pastoral Negros do Regional Sul 3, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), participou de eventos na Inglaterra e nos Estados Unidos, identificando a realidade racial desses países e debatendo os caminhos de descompasso do Brasil no enfrentamento do racismo. Foi coordenadora do Coletivo Estadual de Educadores Negros dos Agentes de Pastoral Negros (APNs/RS), que tinha, como integrantes, pessoas engajadas na comunidade negra e que lutavam contra o racismo por meio da união das instituições e dos movimentos que lutavam pela mesma causa. Participou de eventos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como ativista convidada, embora destaque que seu espaço não era o acadêmico, pois, na época, a universidade era um lugar ainda mais fechado para o diálogo com os movimentos sociais negros.

Notadamente, tais diálogos com os movimentos ampliam-se, justamente, com as ações afirmativas, que criaram cotas sociais e raciais, assim como com as políticas e práticas decorrentes das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER, 2004). Essa potência de ação e de escrita bem fundamentada gera o que, hoje, temos como política pública consagrada, nomeadamente as Leis 10.639/03 e 11.645/08, que criaram e modificaram o artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, obrigando o ensino, em todos os níveis, da história e cultura indígena, africana e afro-brasileira.

A professora Vera Triumpho tornou-se uma mulher negra conhecida na cidade de Porto Alegre pela sua trajetória de ações na educação pública, comprometida com a população negra e empobrecida. Até poucos anos seu reconhecimento era maior dentro da comunidade negra, dentro da rede de ensino público e da sociedade civil organizada, porém atualmente sua projeção avança para um reconhecimento maior da cidadania em geral. Um exemplo desse reconhecimento foi o fato de ela ter sido homenageada pela Câmara Municipal da

cidade, como referência de liderança feminina, em sessão solene no dia 08 de março de 2022, Dia Internacional da Mulher.

Na atuação nacional, destaca-se o fato de que, de 1996 a 1999, a professora Vera Triumpho atuou ativamente no Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra (GTI)³, criado em 20 de novembro de 1995, no governo do ex-presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), com o objetivo de inserir a questão do negro na agenda nacional, reverenciando a história que lhe foi negada historicamente e colocando, em diálogo com a ciência moderna, os conhecimentos produzidos na vivência étnico-racial da comunidade negra (GOMES, 2010). Alguns de seus escritos, aqui analisados, são registros desse coletivo de educadores e ativistas negros (Figura 4).

Lideranças políticas e intelectuais, como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (Figura 3), a ex-governadora do estado do Rio de Janeiro, Benedita da Silva (2002-2002) (Figura 5), a ex-senadora da República Federativa do Brasil, Marina Silva (1995-2011), atual Ministra de Estado do Meio Ambiente e Mudança do Clima do Brasil (Figura 6), o ex-governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro (2011-2015) (Figura 7), Joel Rufino dos Santos⁴, Hélio Santos⁵, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva⁶ e Oliveira Silveira⁷ estreitaram laços na trajetória da professora Vera Triumpho. Abaixo, apresento registros fotográficos de algumas das personalidades citadas:

³ Criado em 1995, com a finalidade de formular políticas e ações voltadas para a valorização e combate às desigualdades enfrentadas pela população negra no país.

⁴ Historiador e intelectual engajado na luta contra o racismo, nascido em 1941 e falecido em 2015.

⁵ Pesquisador da temática sociorracial no Brasil e um dos responsáveis pela implementação da Lei de Cotas 12.711/2012.

⁶ Conselheira indicada pelo Movimento Negro, relatora, no Conselho Nacional de Educação, do Parecer que embasou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História Afro-Brasileira e Africana.

⁷ Professor e ativista do Movimento Negro, nascido em 1941 e falecido em 2009.

Figura 3 – Congresso com o Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra (GTI), com a presença do ex-presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Antes mesmo da entrevista, quando eu conversava com a professora Vera Triumpho através de ligação telefônica, ela sempre falava da participação do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso nas questões do povo negro. Durante a entrevista, realizada em 23 de abril de 2022, a professora mostrou a foto (Figura 3) e fez a seguinte declaração a respeito do ex-presidente:

[...] ele foi [...], ele foi não, ele é [...], porque ele está vivo, um líder político que se destacou na época em que dirigiu a Presidência da República, ele se engajou nas causas do povo negro, promoveu diversas iniciativas e políticas públicas para combater o racismo no Brasil e ofereceu oportunidades para todos [os] brasileiros. Ele deu abertura para o debate sobre a necessidade de reparação histórica [...], foi muito importante para a nossa caminhada (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

O engajamento do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, nas causas contra o racismo, foi reconhecido pela professora, que o definiu comprometido no combate à discriminação racial e na efetiva promoção de igualdade de oportunidades para todos os cidadãos brasileiros.

Figura 4 – Congresso com o Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra (GTI), com a presença do ex-presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

A Figura 4 representa um momento importante de encontro em Brasília/DF, para debate, troca de experiências e formulação de estratégias para enfrentar o racismo e promover a igualdade de oportunidades. Os congressos promovidos nas décadas de 1970 e 1980 tinham como objetivo reunir representantes de diferentes ministérios para discutir e propor soluções para as questões relacionadas à população negra. Segundo Gonçalves e Silva (2000) “entre 1978 e 1988, muitos encontros ocorreram com esse objetivo”.

Eventos como esses são espaços de diálogo e reflexão, nos quais podem ser compartilhados conhecimentos, experiências e práticas que contribuem para a construção de políticas públicas efetivas e inclusivas, necessárias para a valorização da população negra em todas as esferas da sociedade.

Figura 5 – Congresso em Brasília/DF com a ex-governadora do Estado do Rio de Janeiro, Benedita da Silva



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Eventos como o Congresso em Brasília/DF, com a presença do GTI, favoreceram encontros, como o da Figura 5, em que a professora Vera Triumpho aparece com Benedita da Silva, ex-governadora do estado do Rio de Janeiro (2002-2002) e atual Deputada Federal (2023-2026), figura política, reconhecida por seu trabalho em defesa dos direitos e valorização da população negra, engajada na luta e na busca de soluções para o enfrentamento do racismo e para a promoção de igualdade de oportunidades. Destaca-se por promover debates e discussões sobre as questões raciais no Brasil.

Figura 6 – Congresso em Brasília com a ex-senadora da República Federativa do Brasil e atual Ministra de Estado do Meio Ambiente e Mudança do Clima do Brasil, Marina Silva



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

A Figura 6 mostra o registro da professora Vera Triumpho com a ex-senadora da República Federativa do Brasil, Marina Silva (1995-2011), atual ministra de Estado do Meio Ambiente e Mudança do Clima do Brasil, política brasileira não só reconhecida por seu ativismo ambiental, como também pela promoção da justiça social e da igualdade, incluindo a luta contra o racismo e a defesa dos direitos humanos.

Figura 7 – Ex-Governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, no estande dos APNs



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

A pedido dos APNs, a prefeitura de Porto Alegre, sob a influência do ex-governador Tarso Genro (2011-2015), montou um estande para que as comunidades organizadas pudessem expor e vender seus produtos por uma semana (Figura 7):

[...] ah não deu outra, ficamos até duas semanas aí (risos), trouxemos nossas coisinhas e conseguimos arranjar uma grana. E aí tinha pastoral operária, pastoral do negro, pastoral do imigrante, todo mundo tava aí (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

Os estandes desempenham um papel importante para o progresso da representatividade, pois, além de proporcionarem espaço para as pessoas venderem seus artesanatos de forma mais organizada e acessível, exporem e comercializarem seus produtos de maneira atrativa, promovem a valorização da cultura afro-brasileira, contribuindo para o fortalecimento econômico das comunidades. Essa visibilidade é importante para promover o reconhecimento da riqueza cultural e contribuição histórica do povo negro.

Com base na descrição da professora Vera Triumpho, salienta-se o engajamento das pastorais e o compromisso em promover a justiça social e a solidariedade, bem como a mobilização e a transformação social. São pastorais que representam e ecoam a voz dos trabalhadores, do povo negro e dos imigrantes, na luta por direitos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa.

2.2 PROFESSORA VERA TRIUMPHO E O TRABALHO DE BASE

Na perspectiva da Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER), demonstro a importância do que a professora Vera expressa como *trabalho de base*, evidenciado como aquele realizado por pessoas que dedicaram parte de suas vidas na luta contra o racismo e a pobreza, denunciando e propondo sugestões para modificar o cenário do nosso país. Trabalho de base é uma expressão própria do vocabulário comum – especialmente no período anterior à Ditadura Militar e no período de democratização –, que indica o modo de agir dos militantes de movimentos sociais progressistas que propõem mudanças estruturais na sociedade, reverberando um sentido de conexão com os grupos populares e socialmente excluídos; é um trabalho que visa atingir grandes coletivos.

Segundo Ranulfo Peloso (2012, p. 30), o trabalho de base é uma ação multiplicadora que pode se dar nas favelas e nas ocupações de terra, nas fábricas e nas igrejas, nos espaços estatais e fóruns internacionais. Para o autor,

[...] base é o povo que produz as riquezas e é explorado e manipulado pelas elites dominantes, em todos os espaços. Significa começo, sustentação, algo indispensável que não pode faltar. Mas é, sobretudo, aquela parte da classe oprimida que se dispõe a dar sustentação a um processo de mudança, sempre.

Uma demonstração desse trabalho de base defendido pela professora Vera Triumpho está na sua lembrança de vários encontros nos quais salões paroquiais eram lotados pela articulação de militantes, como no exemplo a seguir:

Eu fiquei muito emocionada quando nós fizemos um curso na Vila Cruzeiro, em seguida que o Décio Freitas chega do exílio dele e, quando ele chega lá na Vila Cruzeiro, no salão da Igreja Santa Teresa de Jesus, ele se emociona, quando ele viu o número de negros que tinham lá, e a maioria extremamente pobre e querendo conhecer a história do negro, pela boca de um homem importante da história e, inclusive, perseguido, aí ele chega, ele passou um dia inteiro na Vila Cruzeiro falando para uma grande maioria de operários e intelectuais negros – isso é importante que vocês botem, porque ele, um discriminado, e os que estavam ali também eram mais discriminados que os operários, com aquele sapatinho todo torto, de chinelinho de dedo, chegando para assistir um grande palestrante que tinha sido expulso do Brasil. Isso aí aconteceu, foi no final da ditadura (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

Ainda sobre os encontros, Vera declara:

Foi um momento muito marcante, tinham muitos professores também lá e para mim foi muito bonito, ele parecia que não queria terminar aquela palestra, parecia uma criança, feliz da vida, falando ali. Ele estava muito feliz, colocando a história do povo negro para aquele povo marginalizado (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

O trabalho de base evidencia-se como uma ação importante para o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação às desigualdades sociais presentes na sociedade. É um trabalho realizado na coletividade e engajamento da comunidade.

A produção escrita da professora Vera Triumpho revela uma mulher que desafiou as estruturas sociais vigentes da época, contribuindo com “[...] um trabalho que permitiu entender a realidade e o mundo em volta” (hooks, 1995, p. 466), denunciando os conteúdos dos livros didáticos que reforçavam a imagem dos negros como inferiores e dos brancos como superiores, questionando o silenciamento da

história dos negros destacado na sociedade brasileira. Vejamos, nas palavras da professora, de onde seus textos nasciam:

Eu comecei a ver que os livros didáticos estavam impregnados de racismo e tudo demonstrava ser contra a comunidade negra. Então, comecei [a] escrever algumas coisas, de que nós tínhamos que ter um trabalho que acabasse com isso, e ainda não acabou. Por exemplo, quando um autor descreve a revolução tal, ele pode não citar nada sobre a história dos negros. Isso também é o racismo, porque os negros faziam parte do Brasil e ficam sempre fora, fica fora do texto daquele autor (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

Percebe-se, no depoimento acima, que o início da escrita de Vera nasce da análise dos livros didáticos e, então, ela passa a questionar a construção de identidade negra. Essa opção decorre do entendimento de que, ao falarmos em identidade negra, encontramos-nos mais próximos dos processos sociais, políticos e culturais vivenciados historicamente pelos negros e negras na sociedade brasileira (GOMES, 2002, p. 38).

A professora Vera Triumpho era seguidamente convidada para ministrar palestras em várias regiões do Brasil, inclusive em universidades como a UFRGS, de maneira que ela necessitava de fundamentação teórica para a elaboração de textos para serem distribuídos durante os encontros (seminários, congressos). Sobre isso, ela contou que produziu suas escritas “[...] apoiando-se em autores que abordavam a temática antirracista”, como os professores Júlio Quevedo, da Universidade Federal de Santa Maria, e Jorge Euzébio Assumpção, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), assim como militantes do Movimento Negro. Esse aspecto coletivo da produção escrita desvela uma pensadora capaz de dialogar com textos e falas de intelectuais e militantes, a fim de obter referências para escrever seus próprios registros e enriquecer, assim, seu próprio trabalho. Vejamos um exemplo dessa escuta atenta da professora:

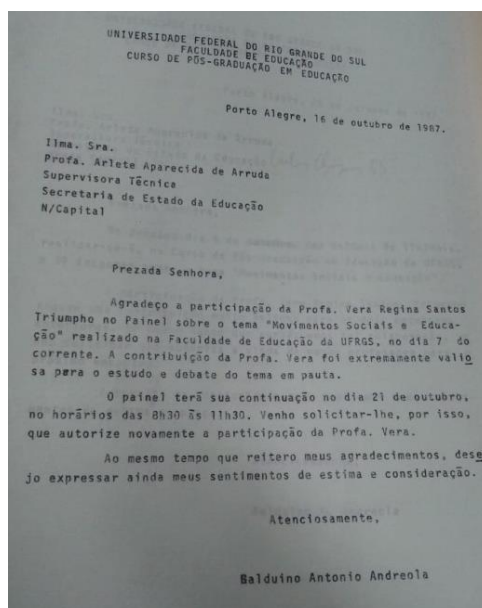
Eu era Coordenadora no Estado, na Secretaria de Educação, com o Projeto *O Negro e a Educação*, então, atingíamos todo o estado do RS. Bati pé enquanto o projeto não saiu. Aí eu tive apoio de alguns professores universitários e militantes (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

Na Faculdade de Educação da UFRGS, há registros de sua presença como palestrante convidada, como na imagem abaixo (Figura 8), que reproduz o texto datilografado e assinado pelo professor Balduíno Antônio Andreola⁸, com data de 16

⁸ Docente e pesquisador em Educação emérito, dedicou-se à educação popular, à educação do campo, aos movimentos sociais e ao diálogo intercultural (BALDUÍNO..., 2019).

de outubro de 1987. Isso comprova a presença reconhecida e o engajamento da professora no meio acadêmico.

Figura 8 – Carta de agradecimento pela participação em Painel e convite para nova palestra, direcionada à Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul



Fonte: Arquivo da Faculdade de Educação da UFRGS/caixa Professor Balduino Antônio Andreola.

Naquele período existia, na Faculdade de Educação, o *Grupo Cultura Negra*, e Vera era convidada para participar de eventos organizados pelo grupo, cuja coordenação teve a atuação de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e de Maria Conceição Lopes Fontoura. Vejamos as palavras da professora Vera Triumpho sobre essas participações:

O professor Balduino foi um aliado nosso, mas o nosso trabalho já estava bem avançado quando a gente conheceu o professor Balduino. Ele me convidou para ir a algumas palestras nos seminários que eles organizavam. A Conceição e a Petrô faziam parte desse grupo. Eu fui prestar assessoria lá. A Petronilha ficou [...] coordenando esse grupo e, depois, a Conceição assumiu, porque ela foi para a UFSCAR, final dos anos 80 (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

Vera levava conhecimento e experiência para a universidade, dialogando sobre questões raciais e falando das suas experiências enquanto professora e militante do Movimento Negro, com a singularidade de que sua agremiação era de tradição afrocatólica.

A história da população negra é marcada por lutas coletivas e individuais e, segundo testemunhos que pude ouvir das pessoas que passaram por momentos

formativos com a ativista Vera Triumpho, há um destaque para sua ação diferenciada nos espaços de formação para jovens e para professores vinculados à pastoral afrocatólica. O projeto *O Negro e a Educação* foi um produtor de aprendizados e compartilhamentos, como se constata nas palavras de Maria Conceição Lopes Fontoura (2017, p. 115): “[...] como projeto, confirmei a importância da luta antirracismo empreendida por militantes dos movimentos sociais negro e de mulheres negras. Lembrei de encontros chamados pela professora estadual Vera Regina Santos Triumpho [...]”.

Enfoco que sua trajetória é marcada pela espiritualidade de base cristã, vinculada aos Agentes de Pastoral Negros (APNs), averiguando o catolicismo popular presente em sua prática religiosa. Por meio de pesquisas, como de Adão (2002), observei o vínculo entre os APNs e os movimentos pelas mudanças curriculares. Minha análise destaca o que Simoni (2021) afirma, isto é, sobre o processo que leva da relação com o sagrado até a militância política, no caso das mulheres negras em diáspora no Brasil.

Ao tratar de práticas religiosas de hibridização entre o catolicismo popular e as religiões de matriz africana no século XX, em Goiás, Marinho e Simoni (2021, p. 47) observam o afrocatolicismo como expressão singular das manifestações de mulheres negras. Essas manifestações exemplificam-se, segundo as autoras, através da “[...] atuação como rainhas, juízas, bandeirinhas, princesas, benzedoras, rezadeiras nas Irmandades, nas Congadas e nos demais festejos populares de Goiás”. O afrocatolicismo acaba, segundo tal análise, sendo fundamental para a continuidade do catolicismo como religião de abrangência popular e nacional. Tais manifestações do afrocatolicismo continuam ocorrendo e, no caso do estudo acerca da educadora Vera Triumpho, parece que há uma modalidade distinta de expressão dele, pois opera dentro da religião católica.

Concluo este capítulo, que evidenciou a impactante e peculiar trajetória de militância da professora Vera Triumpho, realizado no interior de distintas comunidades gaúchas, rurais e da periferia urbana e atingiu, principalmente, a juventude negra, na busca por caminhos alternativos de superação do racismo e das vulnerabilidades sociais. A seguir, apresento as escolhas teóricas e metodológicas que realizei para a consecução de minha pesquisa de mestrado, que ora finalizo na forma de análise no campo da pesquisa em educação.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresento o percurso teórico-metodológico para a consecução da pesquisa. A intenção do estudo iniciou com meu ingresso no Grupo de Trabalho vinculado ao Projeto de Pesquisa *Faculdade de Educação e Movimento Negro Educador: relações construídas antes e depois do marco legal das ações afirmativas na Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, coordenado pela professora Dr.^a Carla Beatriz Meinerz. Durante esse processo, pude perceber a relevância da professora Vera Triumpho nas lutas pela promoção de uma educação antirracista no estado do Rio Grande do Sul. Segundo Goldenberg (2004), é normal que os pesquisadores se interessem por pesquisar aquilo que mais valorizam.

A investigação realizou-se na perspectiva dos estudos de decolonialidade e interculturalidade, na Linha de Pesquisa Educação, Culturas e Humanidades do Programa de Pós-Graduação em Educação. Além disso, tematiza o protagonismo das mulheres negras nas ações que transformam a educação e os currículos escolares e universitários na perspectiva do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira. Essas ações se observam tanto em agremiações do movimento social negro organizado quanto em espaços institucionais acadêmicos e escolares.

O foco de minha pesquisa delinea o aprofundamento da trajetória de ativismo político e pedagógico de uma intelectual e educadora negra gaúcha, a professora Vera Triumpho, pensadora citada em artigo sobre mulheres negras em destaque nos anos 1970 e 1980:

Várias intelectuais ativistas negras podem ser destacadas neste período: Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento no Rio de Janeiro, Thereza Santos em São Paulo, Mundinha Araújo no Maranhão, Vera Triumpho e Marilene Paré no Rio Grande do Sul, entre outras (RATTS, 2013, p. 5, grifos meus).

No livro, *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*, Ratts (2021, p. 17) menciona Vera como uma especialista negra que atuou em universidades e teve um papel fundamental ao contribuir com iniciativas que antecederam a demanda pela valorização da história e cultura africanas e afro-brasileiras. É importante ressaltar que a contribuição da professora Vera foi devidamente reconhecida pelo Estado brasileiro nos anos 2000. Justifica-se o trabalho pelo reconhecimento à professora Vera Triumpho, registrado em obras

compiladas por Alex Ratts (2013; 2021), assim como se destaca a importância de assentarem-se academicamente os modos de pensar e de agir de professoras negras, capazes de enfrentar as especificidades do racismo em solo sul-riograndense.

A escolha por considerar uma trajetória específica não confere, ao estudo, a especificidade de inserção no campo específico da história da educação ou de construção de uma biografia e história de vida, pois o que se almeja é a análise documental da produção do pensamento da intelectual. Busquei, assim, destacar a potência da intelectualidade negra, que produz um conhecimento que tem como objetivo dar visibilidade a subjetividades, desigualdades, silenciamentos e omissões em relação a determinados grupos sociorraciais e suas vivências (GOMES, 2010, p. 421).

Para desenvolver a metodologia deste estudo, adotei uma abordagem qualitativa e escolhi a análise de conteúdo (MINAYO, 2001) das produções escritas da professora Vera Triumpho como uma das principais fontes de informação. Além disso, foram realizadas entrevistas e conversas com a pensadora e ativista, entrecruzadas com a análise do conteúdo.

A pesquisa inscreveu-se no campo da Educação, com interface nos estudos de EREER e da história das lutas por educação empreendidas pelo movimento negro brasileiro. A escolha desse tema de pesquisa partiu da constatação da importância das ações de pessoas e agremiações negras vinculadas à construção de uma educação de maior qualidade para toda a nação, segundo o princípio da equidade e do currículo com a presença da história e cultura de todos os grupos étnico-raciais que compõem a brasilidade.

Com isso, o objetivo geral da pesquisa foi compilar e analisar as produções escritas, considerando, igualmente, as ações e contribuições da professora Vera Regina Santos Triumpho para a educação no sul do país, com um recorte temporal dos anos 1980 e 1990 até a promulgação da Lei 10.639/03 e a homologação das Diretrizes correlatas, em 2004. Tal recorte referenciou os movimentos anteriores à criação do artigo 26-A, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, responsável pela obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, africana, indígena e pela Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). O recorte temporal da pesquisa compreendeu o período de 1987 até 1996, com a análise das obras descritas no Quadro 1, apresentado no próximo subcapítulo.

3.1 CONSECUÇÃO DA PESQUISA

Para analisar a produção intelectual da professora Vera Regina Santos Triumpho, a metodologia que empreguei foi de abordagem qualitativa. Objetivando o aprofundamento da compreensão de uma trajetória (GOLDENBERG, 2004), combinei análise documental (textos produzidos pela pensadora), revisão bibliográfica (textos que dialogam com o tema da pesquisa) e entrevista aberta (Apêndices A e B), além da transcrição da entrevista.

Saliento que a revisão bibliográfica foi iniciada com a leitura da dissertação de Jorge Manoel Adão (2002), *O Negro e a Educação: movimento e política no Estado do Rio Grande do Sul*. Encontrei, nas suas abordagens e estudos, algumas ações realizadas pela professora Vera Triumpho, no Rio Grande do Sul, no contexto das organizações negras gaúchas e da Secretaria Estadual de Educação.

Após isso, elaborei uma linha do tempo (Quadro 1), abrangendo as décadas de 1980 e 1990, para entender um pouco do contexto da trajetória de Vera Triumpho. A partir da linha do tempo, evidenciaram-se as produções escritas da intelectual e, então, realizei um quadro (Quadro 2) com os títulos dos textos e ano de publicação. Foram selecionados, para análise, os textos escritos antes da homologação da Lei 10.639/2003. Assim, o primeiro texto a ser analisado foi de 1987, na sequência, os textos publicados nos anos 1990, 1991 e 1996.

Com os textos selecionados, iniciei a elaboração de um novo quadro (Quadro 3) para inserir as categorias de análises, quais sejam: produção escrita (título do texto); ideia central; ideias singulares; denúncia e proposição de ação. Com isso, selecionei as categorias que eram comuns e as singularidades nos distintos textos.

Quadro 1 – Linha do Tempo da Professora Vera Triumpho

1983	1984	1985	1986	1987
<ul style="list-style-type: none"> • Conheceu padre Antoninho Aparecido da Silva que, de São Paulo, veio ao estado para ministrar uma palestra sobre racismo na sociedade e na igreja. 	<ul style="list-style-type: none"> • Convidada a participar de um painel no II Encontro Nacional dos APNs, em São Paulo, onde partilhou sua pesquisa sobre Racismo nos Livros Didáticos 	<ul style="list-style-type: none"> • II Encontro Nacional sobre a Realidade do Negro na Educação, na sede da Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora. • Vera inicia, em Porto Alegre, a organização dos APNs. 	<ul style="list-style-type: none"> • Supervisora Pedagógica do Projeto das Classes Populares, onde se trabalhava e pensava três questões específicas: indígenas, meninos e meninas de rua e sem-terra. • Desencadeou o trabalho dos Agentes de Pastoral Negros no Rio Grande do Sul, surgindo, na Vila Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre, o Grupo de Danças Afro-Dindara. • Organizou o I Encontro Estadual dos APNs gaúchos 	<ul style="list-style-type: none"> • Escreveu o artigo <i>O negro no livro didático e a prática dos Agentes de Pastoral Negros</i>, elaborado com o objetivo de refletir como os Agentes de Pastoral Negros agiam em relação à presença negra nos livros didáticos.
1987 e 1988	1987 até 1991	1990	1991	1996
<ul style="list-style-type: none"> • Proposta Político-Pedagógica Projeto <i>O Negro e a Educação</i> e <i>Conselho do Negro</i>. Ambos surgem como espaços públicos que possuem a tarefa de pensar, encaminhar e implementar políticas de ação afirmativa, junto ao governo estadual e à comunidade negra gaúcha. 	<ul style="list-style-type: none"> • Liderou o projeto <i>O Negro e a Educação</i>, da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, formando grupos de educadores negros, nas cidades do interior do estado. Assim, ela promoveu o alcance ao conhecimento sobre racismo nos municípios gaúchos. 	<ul style="list-style-type: none"> • APNs já atingiam oitenta cidades gaúchas e estavam organizados em seis quilombos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Presidiu a Comissão Estadual do Negro e a Educação com a tarefa de operacionalizar, no estado do Rio Grande do Sul, ações relativas ao Negro e à Educação, visando a articulação das atividades educacionais atinentes à cultura afro-brasileira e ao resgate da história dos negros na sociedade, a fim de buscar a elevação da autoestima das populações negras e o respeito à pluralidade étnica e cultural (Portaria de nº 01292, de 1º de outubro de 1993); • Escreveu e organizou o livro <i>Rio Grande do Sul: Aspecto da Negritude</i>, em que a maioria dos autores fazia parte da comissão do projeto <i>O Negro e a Educação</i> e todos os autores eram militantes do Movimento Negro; • Articula-se com o Coletivo de Educadores Negros APNs, a partir disso realiza Encontros de Educadores Negros da Grande Porto Alegre. 	<ul style="list-style-type: none"> • APNs já atingiam 80 cidades gaúchas e estavam organizados seis quilombos.

1996 a 1999	1996	1990 e 1996		
<ul style="list-style-type: none"> Integrou o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) para Valorização da População Negra do Ministério da Justiça. 	<ul style="list-style-type: none"> Foi coordenadora estadual dos Agentes de Pastoral Negros da Regional Sul 3, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). 	<ul style="list-style-type: none"> Participou de eventos na Inglaterra e Estados Unidos, identificando a realidade racial desses países e debatendo os caminhos de descompasso do Brasil no enfrentamento do racismo. 		

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Quadro 2 – Produções escritas da Professora Vera Triumpho

Ano de publicação	Título da Obra
1987	<i>O negro no livro didático e a prática dos Agentes de Pastoral Negros</i>
1990	<i>A criança negra e a cultura afro-brasileira no RS</i>
1991	<i>A questão racial e a Educação: uma releitura a partir do povo negro</i>
1996	<i>Educação e o povo negro</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quadro 3 – Categorias de análises

	Texto 1987	Texto 1990	Texto 1991	Texto 1996
Produção escrita	<ul style="list-style-type: none"> O negro no livro didático e a prática dos Agentes de Pastoral Negros 	<ul style="list-style-type: none"> A criança negra e a cultura afro-brasileira no RS 	<ul style="list-style-type: none"> A questão racial e a Educação: uma releitura a partir do povo negro 	<ul style="list-style-type: none"> Livro: <i>Espaço Educacional e Autoria Social</i> – Dinamara Feldens (org.) (1996).
Ideia central	<ul style="list-style-type: none"> Análise da presença do negro nos livros didáticos e da ação dos APNs para modificar essa situação. Os manuais de catequese também foram analisados e ali foram encontradas as mesmas situações. 	<ul style="list-style-type: none"> Preocupação dos APNs em oferecer educação de qualidade a crianças e jovens afro-brasileiros, oferecendo um trabalho nas comunidades pobres e desfavorecidas, para que tomem consciência de seu valor humano. 	<ul style="list-style-type: none"> Livro didático se torna o principal instrumento de discriminação racial na escola. Os currículos escolares privilegiam as culturas europeias, a cultura do negro é ignorada, são apresentadas variedades de estereótipos. 	<ul style="list-style-type: none"> Racismo na Educação e consequências para o povo negro.
Denúncia	<ul style="list-style-type: none"> O conteúdo dos livros reforça a imagem dos negros como inferiores e, dos brancos, como superiores. 	<ul style="list-style-type: none"> Preocupação com a autoestima das crianças afro-brasileiras que, devido ao racismo, são inferiorizadas. 	<ul style="list-style-type: none"> Racismo reflete-se na educação; Milhões de crianças não têm acesso à escola, maioria analfabetos; Os professores negam a existência do racismo na escola; As imagens negativas que aparecem nos livros didáticos levam as crianças e jovens negros à evasão ou fracasso escolar, reforça ainda a baixa autoestima. 	<ul style="list-style-type: none"> Escolas com cultura europeia; Tratamento dos professores com os alunos na pré-escola; Livro didático; Ausência de gravuras que enfeitam as salas de aulas.

<p>Proposição de ação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Mudar os manuais de catequese; • Fazer uma catequese de combate ao racismo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Privilegiar os trabalhos nas comunidades pobres e desfavorecidas pela sociedade; • Projeto pedagógico voluntário para resgate e difusão da cultura afro-brasileira (1984), com a preparação dos monitores, por meio de palestras com especialistas (historiadores, antropólogos e professores), que foram conhecendo a cultura africana, a cultura afro-brasileira e a história do negro na África e nas Américas. • Planejamento de uma metodologia de ação e práticas pedagógicas que viabilizassem atingir os objetivos definidos no projeto. • Execução da proposta com instruções e conhecimento sobre a cultura afro-brasileira para crianças negras da periferia urbana de Porto Alegre. • As crianças de 1984, hoje adultas, continuam atuando como APNs; • Em 1986, a Secretaria de Estado de Educação tomou conhecimento do projeto, avaliou os resultados e começou a investir em projeto semelhante nas escolas da rede estadual de ensino (<i>O Negro e a Educação</i>). 	<ul style="list-style-type: none"> • Rever o fazer pedagógico nas escolas e inserir nos currículos a valorização das culturas africanas e o resgate da história de luta do povo negro brasileiro. 	<ul style="list-style-type: none"> • Rever o fazer pedagógico nas escolas, inserir nos currículos a valorização das culturas africanas e o resgate das histórias de luta do povo negro; • Trabalho realizado com crianças negras empobrecidas com preparo dos educadores do meio popular e desenvolvimento das atividades com as crianças; • Criação do CECADI; • Canções que valorizam o negro e modo de ser; • Criação do Projeto Pedagógico Alternativo (desde 1984). • Inseridas no grupo de igrejas, as crianças participam cotidianamente de celebrações ecumênicas, das quais todas as religiões fazem parte, inclusive as religiões africanas.
<p>Ideias singulares no texto</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os livros não mostram o protagonismo da mulher negra. • Os livros mostram textos e imagens que inferiorizam os negros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Os currículos das escolas são eurocêntricos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apagamento da história e da contribuição do povo negro para o desenvolvimento do país; • O resultado do racismo contra o povo negro se reflete na Educação, no sistema formal de ensino; • Os professores geralmente negam a existência da discriminação racial na escola. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aluno negro com referências negativas, vergonha em informar o local onde mora e a religião a que pertence; • Discriminação e diferenças na escola a exemplo dos papéis escolhidos para uma apresentação de teatro; • Gravuras das paredes que enfeitam as salas de aula não representam o aluno negro.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Após a entrevista, realizada presencialmente com a professora Vera Triumpho, elaborei o Quadro 4, que contém a descrição dos materiais reunidos do acervo pessoal da professora. Em seguida, selecionei os itens: Cartilha Educativa, produzida pelo GTI com o nome de Vera Triumpho como assessora nas questões da comunidade negra, com uma história em quadrinhos com duas crianças conversando sobre racismo na família; Revista Nova Escola, projeto da Secretaria de Educação treina os professores para que utilizem fatos do cotidiano e tirem lições contra o racismo; e calendário Vultos Negros no Rio Grande do Sul, entendendo que foram os mais adequados para a análise.

Quadro 4 – Materiais reunidos no dia da entrevista

Tipo de Documento/descrição	Data do documento	Questões para análise	Data e forma de acesso ao documento
1. Foto com Grupo de Trabalho Interministerial: a foto mostra integrantes do GTI em reunião em Brasília, com a presença de Fernando Henrique Cardoso.	1996	<ul style="list-style-type: none"> • A foto infere a rede de atuação de Vera Triumpho junto à esfera de produção de políticas públicas em âmbito Federal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fotografia do acervo pessoal de Vera Triumpho
2. Cartilha Educativa produzida pelo GTI com o nome de Vera Triumpho como Assessora nas questões da comunidade negra: história em quadrinhos com duas crianças conversando sobre racismo na família.	1997	<ul style="list-style-type: none"> • A cartilha demonstra a necessidade de abordar as relações inter-raciais entre jovens brancos e negros, a fim de conscientizar os brancos acerca da importância de se aliarem na luta antirracista. 	<ul style="list-style-type: none"> • Material físico do acervo pessoal de Vera Triumpho
3. Revista Nova Escola Projeto da Secretaria de Educação treina os professores para que utilizem fatos do cotidiano e tirem lições contra o racismo.	1991	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto para o resgate da história do negro no RS. Desde 1988, atingiu 53 cidades ou 100 mil alunos de 500 escolas; • Escolas públicas e privadas aderiram ao projeto; • Vera presidindo a Comissão Estadual do Negro e a Educação do RS; • Seminários reunindo professores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Material físico do acervo pessoal de Vera Triumpho
4. Texto para distribuição no 6º Encontro Estadual de Mulheres Negras, São Leopoldo/RS, dias 22, 23 e 24 de abril de 1994. Macro-ecumenismo: Agentes de Pastoral Negros e a caminhada libertadora de todos os povos.	1994	<ul style="list-style-type: none"> • Agentes de Pastoral Negros (APNs), na superação de preconceitos religiosos que dividem e separam as pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Material físico, texto datilografado do acervo pessoal de Vera Triumpho
5. Calendário Vultos Negros no Rio Grande do Sul.	1988	<ul style="list-style-type: none"> • Vera pesquisadora e organizadora. 	<ul style="list-style-type: none"> • Material físico do acervo pessoal de Vera Triumpho
6. Foto no XII Congresso Nacional de Professores, Confederação de Professores do Brasil, Curitiba/PR, de 31/01 a 07/02 de 1976.	1976	<ul style="list-style-type: none"> • A busca por conhecimento, formação, enquanto professora. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fotografia do acervo pessoal de Vera Triumpho
7. Foto com pessoas de religiões diversas dentro da Igreja Católica.	1990	<ul style="list-style-type: none"> • Integração das religiões, com propósito do respeito. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fotografia do acervo pessoal de Vera Triumpho
8. Revista produzida pelo Grupo de Trabalho para assuntos Afro-brasileiros. Salve 13 de maio? Escola, espaço de luta contra a discriminação, São Paulo/SP.	1988	<ul style="list-style-type: none"> • Textos de Décio Freitas e de Hélio Santos (Vera citou ambos no decorrer da entrevista). 	<ul style="list-style-type: none"> • Material físico do acervo pessoal de Vera Triumpho
9. Livro: <i>A busca de um caminho para o Brasil – a trilha do círculo vicioso.</i>	2001	<ul style="list-style-type: none"> • Livro de Hélio Santos, prefácio de Sueli Carneiro. 	<ul style="list-style-type: none"> • Material físico do acervo pessoal de Vera Triumpho

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Além da análise dos textos, realizei a entrevista com a professora Vera Triunpho no dia 23 de abril de 2022, em sua residência, situada no município de Porto Alegre/RS, com a presença da orientadora. Era uma tarde de sábado e Vera nos recebeu com grande satisfação. Iniciamos uma conversa agradável, informal, na qual ela demonstrou e verbalizou que estava feliz em conceder a entrevista para uma pesquisa em que ela era a protagonista.

Para a realização da entrevista, construí um roteiro de perguntas específicas, inspirada na premissa que Verena Alberti e Amilcar Pereira (2004) reforçam: a importância de o pesquisador possuir um conhecimento prévio do entrevistado. Isso foi construído em contatos prévios à entrevista com a professora, por telefone e através da leitura sobre ela.

Expliquei o objetivo e a importância da dissertação e pedi permissão para ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que comprovava a concordância e coletava sua assinatura. A conversa teve duração de, aproximadamente, três horas. No decorrer da conversa, a professora ofereceu-nos um café e paramos para tomá-lo.

Para a entrevista, usei um tablet para a gravação de áudio e para anotar informações. Além disso, a entrevistada mostrou-nos materiais de seu acervo pessoal, como fotografias, revistas, livros e artesanatos.

Optei por mencionar minha inspiração pela entrevista compreensiva, termo cunhado pelo sociólogo Jean-Claude Kaufmann (2013), que abrange a interação para uma melhor compreensão da realidade do sujeito de pesquisa, bem como para o sentido da ação humana. Nesse sentido, evidencio que a entrevista compreensiva

[...] é a forma mais apropriada para tratar do objeto escolhido, uma abertura, entre tantas, para outras formas de desvelar objetos de análise que tragam no seu bojo a escuta sensível, para compreender o caráter formativo (para pesquisador e participante) dos estudos com objetos simbólicos (SILVA, 2006, p. 46).

Pensando na perspectiva da trajetória intelectual, fundamentei-me teoricamente com textos das autoras Nilma Lino Gomes e bell hooks. Sobre intelectualidade, hooks (1995, p. 466) assegura que:

[...] o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas, que passariam de objeto a sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes.

Assim, a professora Vera Triumpho escreveu textos de cunho antirracista que contribuíram para a luta de tornar a sociedade mais equitativa, em que negros tivessem as mesmas oportunidades que os brancos. Para que isso se tornasse possível, fez-se necessário que pessoas escrevessem e que viessem a público textos que denunciasses o racismo, principalmente aquele experimentado nas escolas, que é um lugar de formação social para os indivíduos.

Com a entrevista realizada, fiz a transcrição do áudio. De acordo com Manzini (2006), a transcrição implica em fazer recortes, em estabelecer regras e critérios para transcrição. Vejamos abaixo:

[...] os dados que podem ser analisados, tendo como procedimento de coleta uma entrevista, são inúmeros e o produto verbal transcrito é um dos possíveis recortes desses dados. Dessa forma, temos optado, atualmente, por utilizar as expressões informações advindas da entrevista, dados advindos da entrevista, verbalizações advindas das entrevistas, ao invés da expressão a entrevista foi transcrita e analisada, pois, como apontamos, muitas podem ser as informações transcritas, de natureza verbal ou não-verbal, e muitos podem ser os dados a serem analisados (MANZINI, 2006, p. 371).

A transcrição do áudio serviu para a posterior análise dos dados. O procedimento de transcrição deve ser empreendido logo após a entrevista, pois as impressões e lembranças serão mais fáceis de serem acessadas, uma vez que estarão vivas e presentes para o pesquisador. Tal prática também é indicada por pesquisadores que têm trabalhado com entrevistas (ALBERTI; PEREIRA, 2004; DUARTE, 2014). Assim, eu a fiz logo que realizei a entrevista com Vera, isto é, passei imediatamente o áudio para transcrição, para que não houvesse perda das impressões e conversas que tivemos. A partir da descrição do caminho metodológico realizado, sigo para o próximo capítulo, no qual serão analisados os dados produzidos segundo a escolha das seguintes categorias: crítica aos materiais didáticos em perspectiva antirracista e construção de propostas didáticas em perspectiva antirracista.

4 **ESCRITOS DA PROFESSORA VERA TRIUMPHO EM PERSPECTIVA ANALÍTICA: UNIDADES E DIVERSIDADES NO PENSAMENTO DA EDUCADORA E ATIVISTA SOCIAL NEGRASUL-RIO-GRANDENSE**

É um sonho se pensar que a educação é a alavanca da transformação social, mas também é um equívoco se pensar em transformação social sem educação (TRIUMPHO, 1991, p. 24).

Começo o capítulo com a frase escrita pela professora Vera Triumpho (1991), a fim de evidenciar e reverenciar como essa pensadora compreendia a Educação na qualidade de espaço de combate ao racismo, destacando sua contribuição para uma educação antirracista. Essa potência de ação e de escrita bem fundamentada gera o que hoje temos como política pública consagrada, que são as Leis 10.639/03 e 11.645/08, que criaram e modificaram o artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que obrigam o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígenas da Educação Infantil ao Ensino Superior no Brasil.

Neste capítulo, apresento minhas análises dos quatro textos selecionados para a pesquisa, são eles: *O negro no livro didático e a prática dos agentes de pastoral negros* (1987); *A criança negra e a cultura afro-brasileira no Rio Grande do Sul* (1990); *A questão racial e a educação: uma releitura a partir do povo negro* (1991) e *Educação e o povo negro* (1996). As obras foram selecionadas em virtude do marco temporal proposto para investigação (1987-1996), o que resultou em textos escritos antes da homologação da Lei 10.639/2003, conforme podemos ver no Quadro 5.

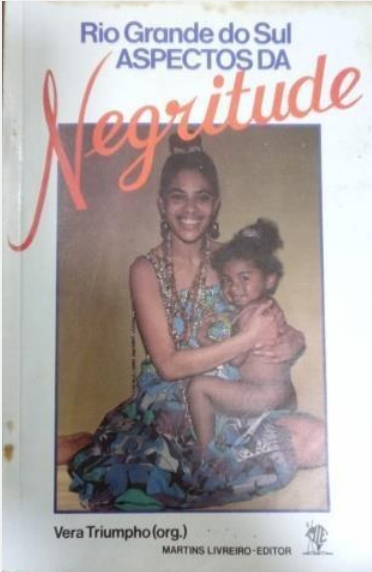
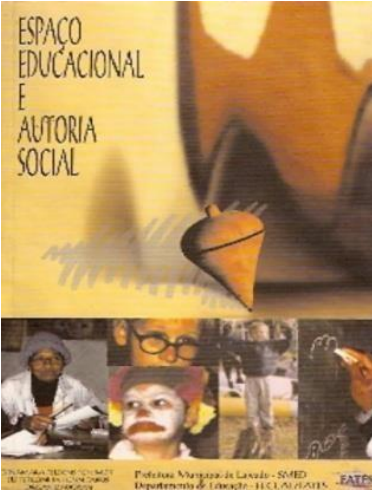
Em minha análise, estão articuladas as ideias centrais e singulares, que procuram evidenciar a crítica, salientar a denúncia e destacar a proposição de ação, com as categorias que eram comuns, bem como as singularidades, nos distintos textos, assim como com os materiais coletados no dia da entrevista, seguidos da transcrição e de textos que dialogam com o tema da pesquisa.

Assim, foram estabelecidas duas unidades de análise, a saber: crítica aos materiais didáticos em perspectiva antirracista e construção de propostas didáticas em perspectiva antirracista. De ambas, surgiram propostas de ação na forma de ação prática conduzida pela ativista e destacada nas conclusões do estudo, com anúncio de seguimento de novas investigações.

Abaixo, demonstro a síntese dos materiais selecionados para análise na presente pesquisa, seguida do primeiro item de consideração analítica que trata da crítica aos materiais didáticos do período, no que tange à presença de temáticas afro-brasileiras e africanas.

Quadro 5 – Textos selecionados para a análise da pesquisa

Livro onde o texto foi publicado	Ano de publicação	Título do texto de autoria de Vera Triumpho
<p>1. CADERNOS DE PESQUISA</p> 	1987	<i>O negro no livro didático e a prática dos agentes de pastoral negros</i>
<p>2. CULTURA EM MOVIMENTO</p> 	1990	<i>A criança negra e a cultura afro-brasileira no Rio Grande do Sul</i>

<p>3. RIO GRANDE DO SUL: ASPECTOS DA NEGRITUDE</p> 	1991	<i>A questão racial e a educação: uma releitura a partir do povo negro</i>
<p>4. ESPAÇO EDUCACIONAL E AUTORIA SOCIAL</p> 	1996	<i>Educação e o povo negro</i>

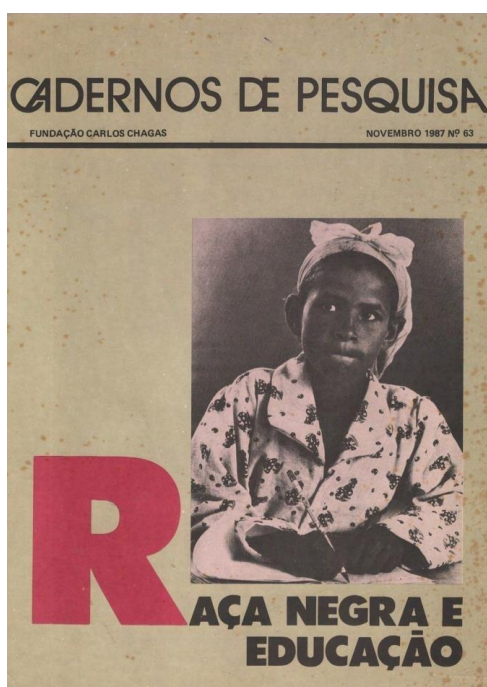
Fonte: Elaborado pela autora (2022).

4.1 CRÍTICA AOS MATERIAIS DIDÁTICOS EM PERSPECTIVA ANTIRRACISTA

A discriminação social sofrida pelo negro na sociedade brasileira se reflete no sistema formal de ensino (TRIUMPHO, 1991, p. 19).

Neste tópic, analiso as escritas, propriamente ditas, da professora em estudo. Os textos destacados para analisar a crítica aos materiais didáticos em perspectiva antirracista são: *O negro no livro didático e a prática dos agentes de pastoral negros* (1987) e *A questão racial e a educação: uma releitura a partir do povo negro* (1991).

Figura 9 – Capa da Revista Cadernos de Pesquisa (1987) e Texto de Vera Triumpho (1987)



O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO E A PRÁTICA DOS AGENTES DE PASTORAL NEGROS

Vera Regina Santos Triumpho
da Secretaria de Educação do
Estado do Rio Grande do Sul e
dos Agentes de Pastoral
Negros/RS

O objetivo da reflexão deste trabalho é analisar a nossa presença negra nos livros didáticos e como nós, Agentes de Pastoral Negros¹, estamos agindo para que haja uma modificação no quadro que se apresenta. O problema racial no Brasil é sempre veido, mas ele está aí, óbvio... Não adianta querer nos convencer de que não há problema racial em nosso país. A prática que prevalece mostra o contrário. Nós negros, marginalizados em tudo até a política, somos também discriminados na área educacional. Tomemos apenas como exemplo os livros didáticos de diferentes matérias como Comunicação e Expressão, Matemática, História, Educação Moral e Cívica e, também, os manuais de Cadetes.

Os livros didáticos são o principal instrumento de aprendizagem do alunado brasileiro no ensino formal. Assim, o seu conteúdo atinge, embora de modo diferente, tanto aos alunos negros como os alunos brancos, reforçando a imagem de que nós, negros,

somos seres humanos menores e os brancos são superiores.

Trazemos a seguir alguns exemplos do que pode ser encontrado em livros didáticos. A análise que procedemos faz parte da busca de maior respeitabilidade para com nossa comunidade negra, nossa cultura, nossa história, nossos valores, nossos costumes e, consequentemente, nossa maneira de ser negro brasileiro.

Conhecemos, então, pela história brasileira. Que livro didático mostra os quilombos como uma organização política, social e econômica, primeira experiência socialista realizada no Brasil? Que livro didático valoriza, no período do Brasil Colônia, a magnífica obra realizada pelo braço negro nas cidades históricas? Que livro didático salienta que Ouro Preto, considerada pela UNESCO Patrimônio Histórico Mundial, conquistou este título graças à participação de negros e mestiços na gigantesca obra artística que ali ficou? Que livro didático apresenta as religiões africanas como as únicas que aqui chegaram no período colonial e não foram convites com a escravidão? Que livro didático analisa a realidade do escravo livre que, por falta de terras, não pode permanecer trabalhando na agricultura e foi obrigado a migrar para a vida urbana e a viver de forma desumana, nos cortiços, desempregado, marginalizado? Que livro didático leva o leitor a compreender que a divisão entre as classes sociais em nosso país sempre foi profunda e que a cor negra da pele rotula como incompetentes, preguiçosos homens e mulheres negros, acientas e divididos, fazendo com que os problemas de classe se confundam com os problemas de cor? Onde estão os nossos heróis negros? Onde estão as nossas mulheres negras, as verdadeiras heroínas que garantiram a sobrevivência da família negra, após a Abolição?

A marginalização de nossa comunidade negra na sociedade não é vista, até hoje, como consequência de um processo histórico e, sim, tendo nossa própria raça negra como causa dessa situação. Nós negros, somos considerados malandros, preguiçosos, com pouca inteligência, pobres e infelizes...

Essa negatividade contra nós, negros, foi e ainda está sendo transposta para os livros didáticos, justamente por ser o pensamento da sociedade dominante.

Se os textos nem sempre revelam explicitamente este modo como, nós, negros, somos vistos, as ilustrações, por outro lado, não deixam margem a dúvidas. Por exemplo, uma figura representando um grupo de crianças resolvendo um problema de matemática: as crianças brancas têm os olhos vivos de quem sabe como fazer, enquanto que a negrinha é

¹ Os Agentes de Pastoral Negros são pessoas engajadas na comunidade negra que sabem contar toda forma de racismo. A partir de sua própria identidade de fé, os Agentes de Pastoral Negros vivem na e com as restrições e momentos que fazem parte mesma casa, empurrando-se em colar para a unidade de comunidade negra, sem nenhuma preocupação de fazer adeptos de fé.

Fonte: Rosemberg e Pinto (1987).

O texto *O negro no livro didático e a prática dos agentes de pastoral negros* (1987) integra a série *Cadernos de Pesquisa – Revista de Estudos e Pesquisa em Educação/Raça Negra e Educação*, da Fundação Carlos Chagas. No sumário da revista, localiza-se a seção Livro Didático: análises e propostas.

Conforme minhas análises, pude perceber que o objetivo desse texto é demonstrar como a figura dos negros era ilustrada nos livros didáticos e como os Agentes de Pastoral Negros agiam para que houvesse uma modificação no quadro que se apresentava. Segundo a professora Vera Triumpho (1987, p. 93):

Os livros didáticos são o principal instrumento de aprendizagem do alunado brasileiro no ensino formal. Assim, o seu conteúdo atinge, embora de modo diferente, tanto aos alunos negros como os alunos brancos, reforçando a imagem de que nós, negros, somos seres humanos menores e os brancos superiores.

Uma vez que o livro didático era o principal instrumento de aprendizagem do aluno no ensino formal na década de 1980, a professora procurou fazer uma análise dos conteúdos apresentados. Chegou ela à conclusão de que os negros estavam sendo apresentados como seres inferiores em relação aos brancos. Além disso, concluiu que os livros não abordavam a verdadeira história dos negros, não falavam sobre a cultura e sobre a história como ela, de fato, foi, bem como os valores, os costumes e a maneira de ser negro brasileiro.

A autora fez a análise da presença do negro nos livros didáticos e concluiu que o conteúdo deles reforçava a imagem dos negros como inferiores e, dos brancos, como superiores, afirmando que o livro didático se tornava o principal instrumento de discriminação racial na escola e que os currículos escolares privilegiavam as culturas europeias, de modo que a cultura do negro era ignorada, além de serem apresentados a uma variedade de estereótipos. Vejamos:

De um modo geral, observando as gravuras em que aparecem personagens negros, estes estão colocados nos cantos, afastados do grupo ali representado, quase sempre uma pessoa tímida e pobre, quando não, assaltante (TRIUMPHO, 1987, p. 94).

Nesse aspecto, percebe-se que o conteúdo dos livros didáticos que eram utilizados para o ensino e para a aprendizagem dos alunos continha uma série de incitações ao preconceito e à discriminação para com o povo negro. Tendo em vista que as imagens são ferramentas com as quais as crianças estabelecem identificações, os materiais didáticos poderiam contemplar, de maneira positiva, a diversidade étnico-racial e oportunizar, por meio das imagens, que todas as crianças se identificassem nas ilustrações desses materiais, de maneira que contribuíssem, assim, para uma construção positiva da identidade dos estudantes.

A análise dos escritos da professora Vera Triumpho reverbera essa denúncia do racismo nos materiais didáticos e nas práticas pedagógicas realizadas em todo o território nacional, desvelando o impacto dessa inferiorização nos manuais para a autoestima das crianças e de jovens negros, em geral acolhidos humanamente somente no seio de suas famílias e comunidades. Ao analisar e denunciar o conteúdo dos livros didáticos em sua capacidade de reforçar a imagem dos negros como inferiores e dos brancos como superiores, a pensadora observou, nos ensinamentos de catequese, igual fenômeno racista. Essa maneira distinta se

expressaria na singularidade de uma professora que participa de uma organização religiosa católica e ousa fazer a crítica de sua própria instituição no que tange aos processos de ensino da fé professada em perspectiva racializada e embranquecida. Vejamos seu questionamento:

Como se sentem nossas crianças negras ao participarem de um curso de catequese, onde elas são apresentadas às outras crianças como encarnação do mal? Até quando os que têm poder de decisão irão continuar indiferentes aos materiais didáticos publicados, inclusive por editoras de orientação católica? E o que nós, Agentes de Pastoral Negros, estamos fazendo para modificar essa situação, esse quadro? (TRIUMPHO, 1987, p. 95).

Há, aqui, uma produção crítica e analítica dos manuais didáticos escolares e catequéticos, mas, igualmente, há indicativos de ação que apontam para a mudança neles e nas ações pedagógicas. Tal produção pode ser compreendida no contexto de existência de uma rede construída pelas pessoas negras em movimento no sentido de criação dos precedentes para a homologação da Lei 10.639/2003, responsável pela atual vigência da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, africana, indígena e pela Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER).

Vejamos o exemplo da compilação do livro, *Rio Grande do Sul: aspectos da negritude*, com diversas autorias, no ano de 1991:

Figura 10 – Capa do Livro Rio Grande do Sul: aspectos da negritude e Texto de Vera Triumpho (1991)



Fonte: Acervo da autora (Triumpho,1991).

Os escritos do período analisado neste estudo já mostravam pistas concretas de como fazer a educação antirracista acontecer na prática do cotidiano escolar. A educadora organizou um livro intitulado *Rio Grande do Sul: aspectos da negritude*, publicado em 1991, prefaciado por Abdias Nascimento – revelador da rede de relações na qual estava inserida. Tal prefácio faz ecoar essas vozes unidas em um passado que atravessa nosso presente:

Mais uma vez, no processo de libertação de um povo, toca ao oprimido o ônus de libertar o opressor de seus preconceitos e educá-lo para a convivência democrática numa sociedade moderna. [...] A comunidade afro-brasileira, através de seu movimento negro organizado, tem denunciado com frequência o conteúdo racista, antinegro, dos currículos escolares e dos livros didáticos destinado às crianças (NASCIMENTO, 1991, p. 13).

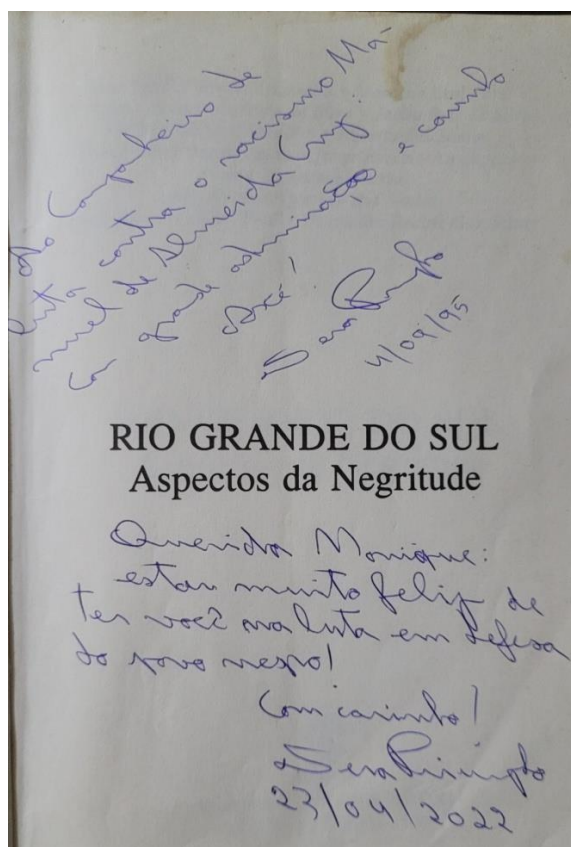
A obra reúne textos produzidos por vários ativistas do Movimento Negro e intelectuais negros engajados na luta antirracista. Durante a entrevista, questionada sobre como seus textos vieram a público, Vera respondeu que:

Por exemplo, nesse livro aqui⁹, eu sabia que esse povo¹⁰ aqui escrevia sobre negritude e eu disse: olha, estou organizando um livro e eu gostaria que vocês (es)tivessem nesse livro. Entende? E aí, eles já tinham textos escritos, o Euzébio Assumpção já tinha feito mais de vinte textos sobre o racismo, aí ele disse: agora o texto tal vai para o livro, aí ele chegou à conclusão, olha meu texto tá aqui, Vera (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

⁹ Vera segura o livro *Rio Grande do Sul: aspectos da negritude*. Conheci o livro – em formato digital – ao ingressar no Grupo de Trabalho vinculado ao Projeto de Pesquisa *Faculdade de Educação e Movimento Negro Educador: relações construídas antes e depois do marco legal das ações afirmativas na Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, coordenado pela professora Carla Beatriz Meinerz. Com isso, realizei uma pesquisa na internet e visitei o site da Estante Virtual para verificar se havia à venda exemplares impressos da respectiva obra. Encontrei um exemplar usado no Sebo São José, em Salvador/BA. Após 12 dias, o livro chegou em minha residência. Ao abri-lo, visualizei na folha de rosto uma mensagem com autógrafo da professora Vera (Figura 11). No dia em que estivemos em seu apartamento para realizar a entrevista, tive a oportunidade de mostrar a dedicatória para a professora e logrei a felicidade de receber uma nova mensagem autografada dessa intelectual, a quem tive o privilégio de entrevistar e sobre quem pude escrever esta dissertação.

¹⁰ Sobre os autores do livro *Rio Grande do Sul: aspectos da negritude*.

Figura 11 – Mensagem/autógrafo de Vera Triumpho



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Tal ação mostra a capacidade de agregar rede de contatos que a ativista possui. Ainda sobre as publicações de seus textos, a professora rememorou:

Foi assim que eu fui, foi fazendo seminários e eu vi que algumas pessoas tinham tudo para vir para esse livro, que acabou saindo Rio Grande do Sul: aspectos da negritude. Os autores eram militantes do movimento negro. Esse da Federal de Santa Maria, o Júlio Quevedo, não era militante, mas como ele diz para mim: eu não sou militante Vera, mas os meus filhos são negros e eu também tenho que ser militante, que toda hora vem o racismo (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

Para atender ao objetivo da pesquisa, que é a análise das produções da professora Vera, concentrei-me na análise no texto escrito pela ativista, intitulado *A questão racial e a educação: uma releitura a partir do povo negro* (1991), em que ela denuncia o material didático das escolas, alegando que eles não contavam a real história do povo negro, nem a importância que tiveram para a construção da sociedade. Para a professora:

O povo negro trabalhou muito para o desenvolvimento desta nação, através de atividades nos canaviais, na mineração, nos cafezais, nas charqueadas, enfim em todos os segmentos formadores da economia nacional. Apesar

dessa realidade histórica, o povo negro nunca foi tratado como igual. A comunidade branca, embora seja a minoria no Brasil, tem mantido a exclusividade do poder, do bem-estar e da renda nacional. Mais da metade da população brasileira é descendente de povos africanos e a maioria vive em estado de extrema miserabilidade (TRIUMPHO, 1991, p. 1).

É importante destacar a consciência de que as pessoas negras foram fundamentais para a construção da nação brasileira, não como acessórios ou contribuições secundárias, mas como força de trabalho e de presença insubstituível para a brasilidade. Tal afirmação muda completamente a forma como o imaginário social representa a população negra no passado e no presente, capaz de positivar, apenas e hegemonicamente, as pessoas brancas de ascendência europeia.

Foi durante a década de 1970, quando atuava em sala de aula, que a professora Vera começou a analisar os currículos escolares, afirmando posteriormente que “[...] percebe-se claramente que eles privilegiam as culturas europeias, apesar de os brancos serem minoria no Brasil [...]” (TRIUMPHO, 1991, p. 20). Nesse sentido, o livro didático é um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores ainda nos dias atuais, tanto em escolas públicas como em escolas privadas, e tende a difundir discursos ideológicos e a incitar a superioridade de um grupo sobre o outro. Nesse viés, os livros didáticos geralmente contribuem para propagar os efeitos do racismo, inferiorizando e invisibilizando a criança negra, destacando unicamente as crianças brancas.

Abramowicz, Oliveira e Rodrigues (2017) citam a professora Vera Triumpho dentro de um conjunto de autores brasileiros que fazem a crítica do livro didático, mas também apresentam materiais com textos e imagens positivas para as crianças negras.

O livro didático é apontado nas pesquisas raciais como sendo um veículo que pode gerar consequências negativas na autoimagem da criança negra pela veiculação de estereótipos relacionados ao povo negro que geralmente é apresentado de forma caricaturada e desempenhando papéis subalternos [...]. (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2017, p. 83).

Como essa propagação pode acontecer? Através da publicação de imagens de crianças negras em situação de sofrimento e de crianças brancas em momentos de afeição e alegria. Esse tema é recorrente nos textos analisados. A ativista escreveu sobre a presença negativada de crianças negras, mas também abordou o silêncio sobre elas, considerando a ausência de suas imagens. Essa ausência é

geradora de desconforto para as crianças negras, rotuladas, então, pela escravização dos seus antepassados.

Já que os livros didáticos são instrumentos de ensino para crianças, jovens e adultos, a professora Vera Triumpho questionava tanto a representação quanto a ausência dos negros neles. Ela demonstrou que, quando apareciam, as imagens estavam dentro de um critério estereotipado, negativo, depreciativo.

Destaco que essa consideração é recorrente nos seus textos e acontece em um espaço e tempo anteriores ao evento transformador da homologação da Lei 10.639/2003¹¹. Há uma denúncia do racismo nos materiais didáticos utilizados nos ambientes escolares que questiona a maneira pela qual o negro era representado nas gravuras e ilustrações, bem como os desenhos distribuídos nas paredes das salas de aula. Vejamos seu questionamento:

[...] a ausência de gravuras com crianças negras, nas escolas, é uma prática pedagógica racista porque o mito e a cultura dos afro-brasileiros. O racismo numa situação como essa, está explícito através do silêncio (TRIUMPHO, 1991, p. 21).

A escola ainda apresenta um mundo em que negros e negras fazem parte da história, porém invisibiliza as contribuições essenciais que eles tiveram para a literatura, para ciência e afins, simplificando a história à escravização e à libertação dos escravizados através da bondade dos brancos. Por isso, a continuidade das políticas impetradas a partir da Lei 10.639/03 permanecem fundamentais. É a continuidade da luta de mulheres como Vera Triumpho, para a reparação curricular acerca das narrativas sobre o Brasil e as brasilidades, que torna esse processo cada vez mais potente no cotidiano das instituições educativas.

Os currículos escolares são, em grande parte, responsáveis pela formação dos cidadãos, especialmente das crianças e jovens. Foi a partir de 2003, com a criação do artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que as escolas passaram a incluir em seus currículos o ensino da história e cultura afro-brasileira. A Lei resultou da organização do movimento negro, destacadamente das mulheres negras, na construção de caminhos de implementação do debate profundo que já vinha acontecendo nas agremiações de intelectuais e ativistas capazes de

¹¹ A Lei 10.639/2003 “[...] estabelece a obrigatoriedade da inclusão da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’ nos currículos escolares da Educação Básica” (BRASIL, 2003).

conduzir a fenomenal política pública de inserção da presença do ensino da história e da cultura afro-brasileira nos currículos da Educação Básica e Superior.

Vera Triumpho (1991, p. 20), ao analisar os materiais didáticos dos alunos no ensino fundamental na década de 1970, ficava incomodada com a figura dos alunos negros descritos e com a forma como eram vistos, afirmando que “[...] a sociedade através dos livros didáticos perpetua mitos e estereótipos de que o negro é incapaz, algo negativo, que não presta, que só faz mal. Assim, ser negro é feio”. Para além dessa constatação, identificamos, também, que os negros tiveram pouca representatividade em relação às imagens que eram apresentadas nos livros didáticos, sustentando a falsa ideia de que o negro é desprovido de inteligência, de modo que cabe ao branco, portanto, ser o detentor do saber e instruir os menos favorecidos.

Outro ponto importante nesta discussão é o contexto histórico. Na escola, é comum que a cultura negra seja lembrada positivamente apenas em datas específicas, como o 13 de maio e o 20 de novembro. Entretanto, é essencial que nós, enquanto pesquisadores e educadores, engajemo-nos em um debate crítico para questionar as ações e reflexões que ainda se baseiam em estereótipos e folclorizações. Devemos dar o devido lugar para a cultura negra em nossa educação, valorizando-a não apenas em momentos específicos, mas como parte integrante de nossa história e sociedade. Dessa forma, podemos promover uma educação antirracista e inclusiva, que reconheça e respeite a diversidade cultural de nosso país. Gladis Kaercher (2013, p. 43-44) reitera que:

Não podemos mais deixar a história, a cultura e a contribuição da raça negra para a construção dessa nação como uma efeméride, uma data no calendário: está mais do que na hora de admitirmos a necessidade de vivenciar nos 365 dias do ano a inteireza e a pluralidade da identidade negra na escola, na cultura, através dos mais diversos artefatos – livros, filmes, brinquedos, propagandas etc.

Percebo, nas palavras de Kaercher (2013), uma aproximação à idealização da professora Vera Triumpho. A intelectual não apenas estabeleceu críticas aos materiais didáticos, mas, ao mesmo tempo, elaborou sugestões pedagógicas concretas para a luta antirracista na ação educativa. Continuarei evidenciando isso na análise a seguir.

4.2 CONSTRUÇÃO DE PROPOSTAS DIDÁTICAS EM PERSPECTIVA ANTIRRACISTA

Os textos selecionados para analisar a construção de propostas didáticas em perspectiva antirracista são: *A criança negra e a cultura afro-brasileira no Rio Grande do Sul* (1990) e *Educação e o povo negro* (1996). Ambos têm como ideia central a proposta de rever o fazer pedagógico nas escolas, inserir nos currículos a valorização das culturas africanas e de resgatar a história de luta do povo negro brasileiro.

Figura 12 – Capa do Livro *Cultura em Movimento* (2008) e Texto da Professora Vera Triumpho (1990)



Fonte: Silva (2020).

O texto *A criança negra e a cultura afro-brasileira no Rio Grande do Sul* foi apresentado originalmente em 1990, na 42ª Reunião da Sociedade Brasileira, pelo Progresso da Ciência (SBPC), em Porto Alegre; e publicado no livro *A África na escola brasileira* (1993). Encontra-se publicado, também, no livro *Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil* (2008), organizado por Elisa Larkin Nascimento (2008). Ele discorre sobre a preocupação dos Agentes de Pastoral Negros do Regional Sul 3 com a autoestima e os estereótipos atribuídos aos negros e descreve os projetos pedagógicos desenvolvidos por eles nas periferias. Vejamos:

O projeto pedagógico alternativo *A Criança Negra e a Cultura Afro-Brasileira* foi e continua sendo um trabalho voluntário realizado em periferias urbanas e no meio rural de diversos municípios do Rio Grande do Sul, voltado para crianças e jovens e buscando ainda resgatar e difundir a cultura afro-

brasileira, elevando a auto-estima da comunidade negra gaúcha (TRIUMPHO, 2008 [1990], p. 262).

Vera constantemente aliou sua intelectualidade a projetos que desenvolvia na periferia de Porto Alegre e nos municípios do interior do estado do Rio Grande do Sul, capacitando professores e ministrando cursos de formação gratuitos para a população negra. Através da educação não-formal, desejava resgatar a cultura afro-brasileira, o respeito e as diferenças culturais.

Antes mesmo de a Lei 10.639/2003 ser implementada e de o Ministério da Educação (MEC) preparar professores para o desenvolvimento do trabalho pela educação antirracista¹², Vera já produzia materiais pedagógicos e de apoio para os encontros de formação com professores em Porto Alegre e interior do estado. Alguns exemplos disso são os textos produzidos pela pensadora.

Com ideias e textos escritos, a professora Vera Triumpho iniciou suas publicações em periódicos, como da Fundação Carlos Chagas, Ipeafro, Martins Livreiro e Univates, e fez comunicações orais em eventos nacionais pela região metropolitana e pelo interior do Rio Grande do Sul, abordando a situação das crianças e jovens negros, diante do exposto nos livros didáticos. A ativista apoiava-se nas obras de Paulo Freire para elaborar seus próprios textos, o que pode confirmar por meio das referências bibliográficas que constam em suas produções:

Paulo Freire escrevia para que a educação se tornasse uma ferramenta de autonomia e de libertação para as pessoas, ele lutava por [contra] qualquer tipo de discriminação. Ele defendia as *classes mais esquecidas e desacreditadas e aí se incluem os negros*. Conheci ele pessoalmente em Belo Horizonte, num evento para educadores (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022, grifos meus).

Vera organizava seminários junto aos APNs e falava sobre as pessoas que contribuíam na luta contra o racismo, citando especificamente o professor Décio Freitas, jornalista e historiador brasileiro. Nas palavras da professora:

Décio era um grande amigo, aliado na causa contra o racismo e a favor da equidade entre os povos; um grande líder da minha vida, já se foi até. Ele ficou anos lá pela Europa, era um grande estudioso do racismo no Brasil, o Décio Freitas. Organizei grandes encontros da negritude que teve a participação dele (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

¹² Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2006).

Vera conta que, no dia que o professor Décio Freitas faleceu, foi escolhida como representante para falar em nome do Movimento Negro e achou que não teria condições de falar, tão emocionada estava naquele momento. Contudo, declarou que conseguiu proferir algumas palavras. Durante a entrevista, a ativista ressaltou seu sentimento em relação à importância do historiador na caminhada a favor da emancipação das pessoas negras:

[...] pra mim foi uma perda muito grande, a ausência dele na área da historiografia, com certeza faltou, porque ele era muito perseguido, então ele não podia dar quase curso de qualificação para professores, tudo era na calada da noite. Aí, depois, ele vai para a Europa, porque ele tava sendo perseguido aqui, pela polícia e tudo, aí ele foi embora e, aí, ficou anos lá (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

As palavras da professora demonstram o quanto o historiador Décio Freitas realmente foi um grande aliado e amigo, “[...] via que era do coração que ele era engajado na luta contra o racismo” (Informação verbal). Contou, ainda, sobre uma conversa que teve com ele, em que ambos lamentaram por não terem escrito textos juntos.

Durante a entrevista, Vera falou sobre a importância da presença do historiador Décio Freitas na militância negra. Nas suas palavras:

Foi um encontro organizado pelos APNs. Era assim, Agente de Pastoral Negros e dentro dos APNs foi o Coletivo Estadual de Educadores Negros desses APNs que fizeram esse evento. Inclusive tinham uns jovens ali, que não eram da Vila Cruzeiro, mas que eram de outras lideranças, de outras comunidades, que um passou para o outro que Décio Freitas viria para a Cruzeiro e a Igreja Santa Teresa de Jesus ficou cheia, foi muito bonito, foi emocionante (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

Ela contou ainda que, com os Agentes de Pastoral Negros¹³, conseguiu organizar a ida do professor Décio Freitas por cidades localizadas no interior do estado. Em suas palavras, a professora Vera reflete que:

Quando ele foi a São Lourenço do Sul, foi a mesma coisa, eu estava lá, lá já não era o operariado [...]. Aqui nós fizemos de propósito, viu, botar os operários, aquele líder pastoral do negro, pastoral do imigrante, aquele pessoal bem pobre; já lá em São Lourenço, eram professores, a gente via, assim, que os professores estavam felizes com a presença do Décio Freitas lá a gente via no rosto das pessoas [...]. Em resumo, foi muito bonito os dois encontros, as professoras eram gente humilde, bem

¹³ Os Agentes de Pastoral Negros são pessoas engajadas na comunidade negra que lutam contra toda forma de racismo. A partir de sua própria identidade de fé, os Agentes de Pastoral Negros unem-se a todas as instituições e movimentos que lutam pela mesma causa, empenhando-se em colaborar para a unidade da comunidade negra, sem nenhuma preocupação em fazer adeptos de fé (TRIUMPHO, 1987, p. 93).

legal, foi muito bonito, brancos a maioria, e via que eram pessoas que estavam ali de coração (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

Tal rememoração mostra que, da denúncia, a ativista partia para a construção de propostas didáticas, seja em seus textos escritos ou na organização de eventos de formação para educadores. Ela segue rememorando sobre o seminário organizado no município de São Lourenço do Sul, na década de 1990:

Foi Ana Centeno quem lotou o Salão Paroquial com o pessoal lá dentro. Se há uma organização negra que o pessoal tem que respeitar é a nossa, porque onde nós fizemos esses eventos pelo interior do estado, foi graças aos APNs. A pastoral afro tem aqui, a igreja daqui tem um trabalho, lá no outro bairro também tem. Aí essa articulação da igreja que acolhe os negros foi fundamental para que a gente fizesse o trabalho, porque, se tu faz parte do Movimento Negro Palmares, quem é o MNP? 'Ah é fulano, fulano, fulano', tem três, quatro, às vezes, tem toda uma fundamentação teórica boa, mas eles não têm gente, eles não têm *trabalho de base* e o nosso, não, esse é o problema, trabalho fundamental era esse. A Ana Centeno conseguiu lotar o Salão, tinha gente até do lado de fora, assistindo pela janela (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

Vera reiteradamente propôs alterações aos livros didáticos, tensionando as políticas públicas e os gestores para que o povo negro aparecesse com identidade própria e positiva, apontando o caminho pela transformação dos conteúdos apresentados nesses materiais. Ela acreditava que crianças e jovens deveriam ter o conhecimento de que homens e mulheres negros foram e são capazes de se articular, de lutar e de resistir para terem seus direitos assegurados e respeitados, pois não é fácil construir uma identidade negra positiva convivendo e vivendo em um imaginário pedagógico que olha, vê e trata os negros e sua cultura de maneira desigual (GOMES, 2002, p. 41).

Ao descrever seus sentimentos e posições em relação às ações afirmativas, a legislação decorrente da Lei 10.639 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico Raciais para o ensino da história e a cultura afro-brasileira e africana, a professora Vera falou qual foi seu sentimento:

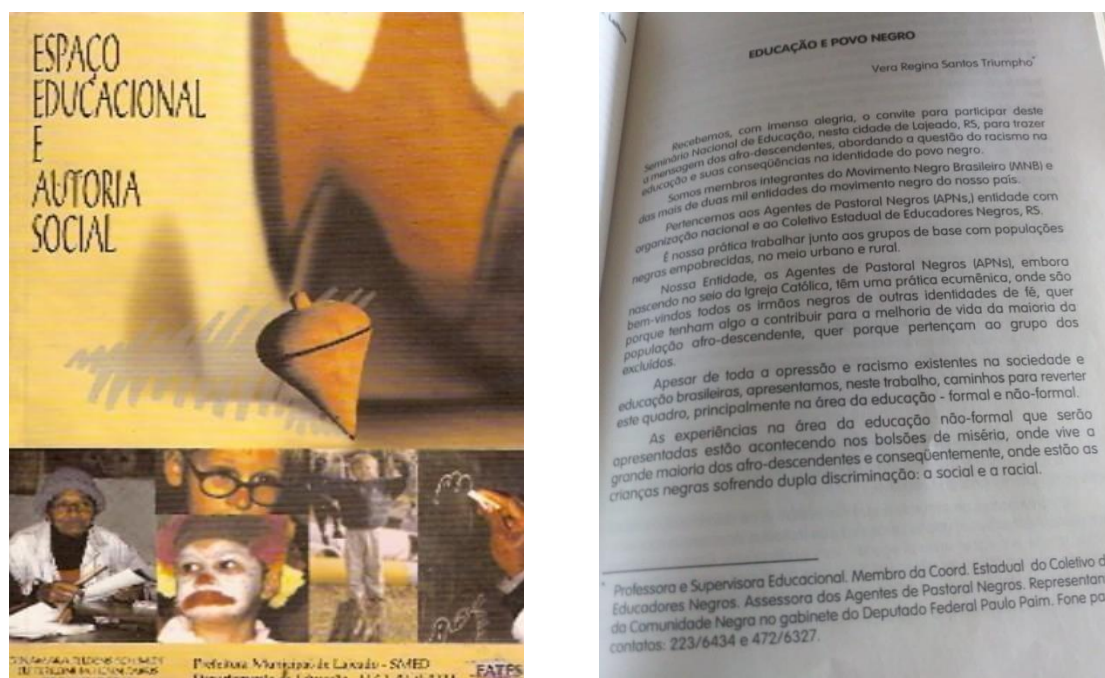
Eu pensei, quando surgiu essa lei... [...] eu achei que fosse assim, como a gente é militante né? Não era o que eu estava sonhando, foi num passo bem lento sabe, a questão do respeito pela história e a cultura e a luta contra o racismo nos currículos escolares, para mim foram passos muito lentos, ver como *a Educação não tem a consciência de que nossa ausência é um racismo*. Então a gente olhava e lia aquilo que a gente pensava que ia se transformar da noite para o dia, aquilo não aconteceu. O racismo foi superior aos nossos sonhos (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022, grifos meus).

Ainda sobre seu sentimento quando da promulgação da Lei 10.639/2003, a educadora fez a seguinte reflexão:

[...] eu achava que ia ser uma coisa maravilhosa, de uma hora para outra sabe, é que aí o Professor Júlio Quevedo, que me dizia assim: 'professora, vamos sonhar'. Não é fácil, eu acho que foi bem lento, poderia ter sido bem melhor e a gente sempre pensa que todos os professores estão pensando como a gente, né? E não pensam. Em resumo é isso. Eu vejo que é em passos de tartaruga o que está acontecendo ainda hoje para a história do nosso povo negro; é o *racismo antinegro* que *imperna na sociedade brasileira e na intelectualidade brasileira* (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022, grifos meus).

Percebe-se, em seus textos, sempre uma busca por propostas que se tornam ampliadas com a conquista da Lei 10.639/03. Os textos, portanto, possuem um tom analítico de crítica e denúncia, mas, igualmente, acenam com anúncios propositivos, como veremos a seguir.

Figura 13 – Capa do Livro Espaço Educacional e Autoria Social (1996) e Texto de Vera Triumpho (1996)



Fonte: Schmidt e Fabris (1996).

O texto *Educação e o povo negro* (1996) abordou as práticas pedagógicas realizadas na educação não-formal com crianças da periferia de Porto Alegre e municípios do interior do RS, com o objetivo de tentar modificar o quadro que se apresentava na época – e que permanece até os dias atuais –, que é o problema racial no Brasil.

Professores tinham dificuldade de abordar a temática racial e Vera construiu, através da escrita, caminhos para romper tais resistências, dúvidas e hesitações. Para a autora:

Os professores geralmente negam a existência de discriminação racial na escola. Afirmam que todos os alunos são tratados da mesma maneira. Então, temos que fazer a pergunta aos professores: Como podemos tratar da mesma forma os diferentes? Por que os alunos negros não têm o direito de ser identificados a partir da sua identidade cultural? (TRIUMPHO, 1996, p. 90).

No texto *A criança negra e a cultura afro-brasileira no RS* (1990), Vera questionou o porquê do silenciamento sobre a história da África e descreveu o projeto pedagógico alternativo *A Criança Negra e a Cultura Afro-Brasileira*, realizado em periferias urbanas e no meio rural de diversos municípios do Rio Grande do Sul. O projeto proporcionava o contato com danças e músicas afro-brasileiras, além de culinária e penteados afros, visto que “[...] enquanto o povo negro não se tornar sujeito da história, fica muito difícil pensar em libertação. [...]” (ADÃO, 2002, p. 103). Tal prática está, como vimos antes, associada à denúncia da ausência curricular da história dos negros no Brasil:

A história do povo negro na África e nas Américas nunca é contada. A historiografia oficial omite a história dos afrodescendentes. O alunado negro desconhece o nosso passado e, conseqüentemente, os nossos heróis (TRIUMPHO, 1996, p. 91).

Em *Educação e o povo negro* (1996), há a descrição do trabalho realizado nos grupos de base com as crianças negras, visando resgatar as culturas africanas e elevar a autoestima das crianças e jovens. Vejamos como era posto em prática:

Para colocar em prática esta atividade, tomamos algumas decisões: a) Preparar educadores do meio popular, promovendo o conhecimento das culturas africanas e a história do povo negro na África e na diáspora das Américas;
b) Iniciar atividades com crianças: danças e canções afro-brasileiras, penteados afros, culinária africana, pintura em tecido com estamparia africana, indumentária e adornos, a religião negra foi valorizada e a história do povo negro resgatada (TRIUMPHO, 1996, p. 93).

Vera tinha preocupação com a autoestima das crianças e adolescentes, por isso tinha como meta alterar o currículo nas escolas. Desse modo, já nos anos 1980 e 1990 desenvolvia ações, como podemos ver nas Figuras 14 e 18, com crianças e jovens, por meio de aulas práticas de danças africanas.

Através das fotos e da entrevista realizada com a educadora, percebe-se que o desenvolvimento de cursos de dança tinha como objetivo enaltecer a cultura afro-

brasileira, elevar a autoestima dos jovens e valorizar seu modo de ser e agir, fazendo com que eles pudessem se reconhecer na história e se aceitar como eram, vestindo-se como quiser, de modo que valorizassem suas cores e seu cabelo. Abaixo, temos imagens dessas práticas pedagógicas no formato de danças educativas:

Figura 14 – Projetos na periferia de Porto Alegre



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Em *Educação e o povo negro* (1996), há mais uma demonstração das ações da professora. Isto é, músicas foram adaptadas a fim de dar um novo sentido às cantigas, com interpretação diferenciada, voltadas ao povo negro. Assim, “[...] nossas crianças aprendem canções que valorizam o negro e seu modo de ser, como as que seguem” (TRIUMPHO, 1996, p. 94):

Meu Deus do Céu

(Música Mãezinha do Céu)

Meu Deus do Céu Deus meu criador
 Venho agradecer pela minha cor
 Pelo meu cabelo
 Pelo meu nariz
 Eu sou filho de Deus
 Nasci para ser feliz.
 Deus é Pai dos Negros
 Gosto desta cor
 Deus é Pai dos Brancos
 E dos Índios também.
 Obrigado Pai, pela minha cor.
 Nasci para ser livre
 Jesus é meu Senhor.

O Sol Já Vem Raiando

(Música Ciranda Cirandinha)

O sol já vem raiando
 Mãe Oxum já vem chegando.

Dança, dança, negro, dança
 Que Ogum está catando.
 Os negros de hoje
 Não podem mais sofrer
 Que Xangô é o nosso Rei
 A justiça vai fazer.

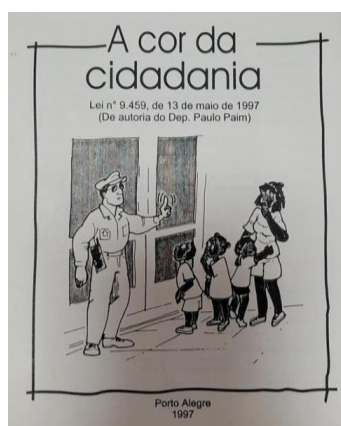
Rei Xangô e Pai Oxosse
 (Música Nessa Rua)

Nessa rua, nessa rua tem um negro
 Que se chama, que se chama
 Rei Xangô
 Eu sou negro, eu sou negro
 Guerreiro e forte
 Caçador, Caçador o Pai Oxosse.
 (TRIUMPHO, 1996, p. 94).

Os excertos acima demonstram o esforço em propor atividades didáticas positivadas acerca da cultura religiosa de matriz africana e afro-brasileira. A mudança de paradigmas é o elemento central da descolonização dos currículos e inclui forma e conteúdo, ou seja, transformar modos de pensar e conhecer, logo, maneiras de agir e de se relacionar. Tal transformação alcança um projeto de sociedade e de humanidade diverso do estabelecido. Essa marca de busca de transformação e de libertação é recorrente nos escritos da professora Vera Triumpho.

A Figura 15 demonstra o engajamento da ativista e a sua importância e participação na elaboração de material tão importante para a disseminação da Lei nº 9.459¹⁴, de 13 de maio de 1997.

Figura 15 – Capa da cartilha A cor da cidadania (1997)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

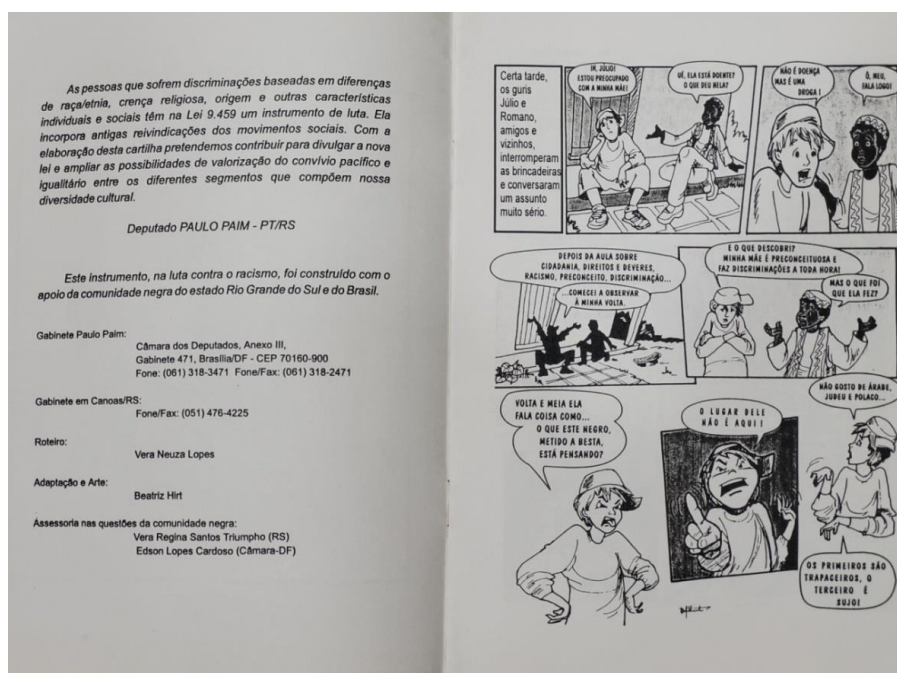
¹⁴ Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (BRASIL, 1997).

A educadora trabalhou no gabinete do senador Paulo Paim, onde atuou como assessora em questões da comunidade negra. Vejamos, nas palavras da professora, como ela o conheceu:

Paim via minhas entrevistas pelos jornais, me procurou através do trabalho na SEDUC e nos APNs [...]. Um dia ele fez contato comigo e perguntou se eu gostaria de integrar a equipe dele, ele disse assim: 'Vera, precisamos de alguém para a parte do povo mesmo'. Aí, eu fui para lá e, passado uns dois anos, acabamos fazendo o Estatuto da Igualdade Racial, que era uma coisa importante para todo o Brasil. Então, fizemos isso, aí teve um debate em nível nacional. Em resumo, foi o que houve de mais importante lá, o Estatuto da Igualdade Racial (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

Foi nesse período que Vera participou da construção do Estatuto da Igualdade Racial, em articulação com o Movimento Negro, promovendo eventos para o debate e sua formalização. Através da atuação no gabinete, a professora Vera Triumpho fez parte do Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra, instituído em 1995, representando o estado do Rio Grande do Sul.

Figura 16 – Cartilha A cor da cidadania (1997)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

A cartilha (Figuras 15 e 16) mostra a necessidade de abordarem-se as relações inter-raciais entre jovens brancos e negros, a fim de conscientizar os brancos da importância de se aliarem à luta antirracista, mesmo que no cotidiano de seus próprios lares. Embora o racismo seja um problema estrutural que afeta a

sociedade como um todo, é fundamental que as pessoas brancas reconheçam seu papel na reprodução e na perpetuação dessas desigualdades.

Além disso, é essencial aos jovens fornecer informações históricas e sociais que revelem a construção social do racismo e suas consequências. A ERER é fundamental para que esses jovens compreendam o impacto do racismo em diversas esferas da vida, como a educação, o mercado de trabalho e as relações sociais. Nesse sentido, Carla Beatriz Meinerz (2017, p. 74-75) ressalta que:

As representações acerca do conhecimento histórico a ser ensinado não dependem somente da produção historiográfica, mas relacionam-se também com as representações sociais construídas no imaginário popular, a partir de diversificadas fontes de informação, como grupos sociais, familiares, mídias, movimentos organizados, entre outros. [...].

Sobre relações inter-raciais, a professora Vera Triumpho citou Arlete Arruda¹⁵ e contou que ambas atuaram de forma conjunta na Secretaria de Educação em defesa das questões raciais. Nas palavras da professora Vera:

Arlete Arruda era quem coordenava a parte pedagógica da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul e aí foi muito bom, porque ela entendia do problema, tinha um filho negro, ela era branca, casada com um homem negro, então pra mim foi muito bom, porque tu ter que contar toda a história para aquele que não sabe o que realmente é o *racismo* [...], *as pessoas acham que não tem* e a Arlete não, ela era uma que sabia o que era o racismo, eu era muito amiga do marido dela e ela era uma pessoa maravilhosa, a Secretaria de Educação teve uma boa ideia em colocar a Arlete coordenando as questões pedagógicas da SEC/RS, era muito boa mesmo, Arlete Arruda (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022, grifos meus).

Nota-se que Arlete Arruda, mulher, branca, esteve engajada na luta contra o racismo, oferecendo um valioso aporte para a valorização da população negra, como os cursos organizados para formação de professores.

Como pesquisadora, a professora Vera Triumpho elaborou o calendário *Vultos Negros no Rio Grande do Sul* (Figura 17), publicado pela Secretaria de

¹⁵ Graduou-se no Curso de Ciências Sociais pela Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC (1975), fez mestrado em Antropologia, Política e Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (1983) e Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) (2010). Atualmente é professora/pesquisadora da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/Canoas), atuando principalmente nos seguintes temas: prevenção coletiva, riscos socioambientais, riscos urbanos, gestão pública urbana, pensamento político brasileiro, política latino-americana, desastres naturais, planejamento urbano, participação política e projetos em políticas públicas. Docente no Mestrado de Administração na área de concentração: gestão, planejamento e empreendedorismo nas organizações, na linha de pesquisa estratégias organizacionais, com a disciplina Estudos Sócio-antropológicos das organizações e Trabalho. FACVEST/Lages/SC. (Texto informado pela autora). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4636406392035144>. Acesso em: 01 jun. 2023.

Educação do Rio Grande do Sul, por ocasião do Centenário da Abolição da Escravatura, em 1988. Tal calendário foi outro exemplo de material didático produzido na perspectiva antirracista e de positivação da história e cultura africana e afro-brasileira:

Figura 17 – Calendário Vultos Negros no Rio Grande do Sul



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Igualmente, os registros abaixo (Figura 18) são materiais produzidos pelos jovens nas oficinas realizadas pela professora Vera Triumpho na periferia de Porto Alegre. Tais registros demonstram o quanto ela estimulava a valorização da

população negra na perspectiva antirracista. Silva (2005) descreve que Vera ministrava e oportunizava oficinas para jovens e adolescentes, como “[...] atividades com pintura, oportunizando conhecer a origem, significados e técnicas do batikue¹⁶ [...]” (SILVA, 2005, p. 163).

Figura 18 – Projetos periferia de Porto Alegre



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

No texto *A criança negra e a cultura afro-brasileira no RS* (1990), a proposta foi privilegiar os trabalhos nas comunidades pobres e desfavorecidas pela sociedade, através de: i) Projeto pedagógico voluntário para resgate e difusão da cultura afro-brasileira (1984), com a preparação dos monitores, que, por meio de palestras com especialistas (historiadores, antropólogos e professores), foram conhecendo a cultura africana, a cultura afro-brasileira e a história do negro na África e nas Américas; ii) Planejamento de uma metodologia de ação e práticas pedagógicas que viabilizassem atingir os objetivos definidos no projeto; iii) Execução da proposta com instruções e conhecimento sobre a cultura afro-brasileira para crianças negras da periferia urbana de Porto Alegre.

Um desses projetos encontra-se registrado em reportagem da Revista Nova Escola (Figuras 19 e 20), publicada no ano de 1991; mostra o projeto desenvolvido pela professora Vera, com professores, para o resgate da história do negro no Rio Grande do Sul, durante o período em que ela presidiu a Comissão Estadual do Negro e a Educação.

¹⁶ Ver Resende (2017).

Figura 19 – Capa Revista Nova Escola (1991)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Figura 20 – Reportagem da Professora Vera Triumpho na Revista Nova Escola (1991)

NEGROS

Gaúchos levam consciência racial para a sala de aula

Projeto da Secretaria da Educação treina os professores para que utilizem fatos do cotidiano e tirem lições contra o racismo

Reportagem de Eliane Silveira

“Eu não gosto de negro.” A frase de um aluno da 1ª série bateu como um soco direto e certeiro na professora Terezinha Juraci Machado da Silva. Negra, ela assistia a uma discussão entre dois meninos e imediatamente quis saber por que um deles era tão tático no seu preconceito. E começou o segundo soco: “Porque negro é feio?” respondeu o aluno. Refeita do impacto, Terezinha convidou o menino a cheirar suas mãos. Evidentemente, estavam perfumadas. Diante do espanto do menino, toda a classe quis cheirar a mão da professora. Começou assim uma aula sobre racismo.

A saída inspirada de Terezinha para escapar da situação de sagradável e tirar dela um ensinamento para os alunos não é, porém, um simples exemplo de iniciativa do professor. Na verdade, Terezinha é um dos mil professores gaúchos que estão envolvidos no projeto que quer resgatar a história do negro no Rio Grande do Sul. O projeto pretende elevar a auto-estima das crianças negras e, desde 1988, já atingiu 53 cidades ou 100 mil alunos de 500 escolas.

“Os próprios professores são racistas e nem se dão conta disso. Em consequência, a auto-estima da criança negra é baixíssima e isso interfere na vida escolar”, prejudicando sua participação na sala de aula”, assegura a professora Vera Triumpho, que preside a Comissão Estadual do Negro e a Educação, da Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul.

O trabalho é feito a partir de seminários reunindo os professores. Vera explica que dificilmente um professor admite a existência do racismo. Para desfazer o equívoco, ela tem uma fórmula: “Eu pergunto quantas gravatas de crianças negras existem na sala de aula?”. Ou: “Você já viu uma menina negra ser escolhida rainha ou miss simpatia da escola?”. De início, as respostas são sempre negativas. Mas, graças aos seminários, em muitas escolas, a situação está mudando. Até mesmo escolas particulares com clientela branca de classe média e alta aderiram ao projeto. Um bom exemplo é o Colégio Batista, de Porto Alegre (RS), que montou um trabalho multidisciplinar sobre as “Charqueadas”, as fazendas de produção de charque (carne-seca). Era nessas fazendas que se concentrava a população escrava do sul do país. Coordenadas pelo professor de História, Jitibá Faustino, as crianças construíam maquetes reproduzindo as charqueadas e trouxeram os pais para participar da Semana do Negro.

O primeiro trabalho prático ressaltado do projeto na rede pública foi uma apresentação de dança afro, por um grupo de meninas entre 7 e 15 anos, coordenadas pela professora Isabel Ornelas de Oliveira, moradora da Vila Cruzeiro do Sul, uma das regiões mais pobres da capital gaúcha. O grupo, que foi batizado Grupo *Dandara*, apresentou-se num seminário interno realizado pela Secretaria da Educação, em 1987, com a Dança dos Escravos. No ano seguinte, cinco cidades aderiram ao projeto e, em 1990, já eram 29 municípios, todos de colonização italiana ou alemã.

Em cada novo município que aderiu ao projeto, o primeiro passo era fazer um levantamento dos descendentes de africanos, com dados sobre escolaridade, renda etc. Depois, discutia-se a participação negra na história da cidade. Os professores receberam textos para estudar e discutir e modelos de desenhos e cartazes com personagens negras. Depois eram desenvolvidas as atividades práticas, como apresentação de danças afro-brasileiras. As crianças, brancas e negras, também foram apresentadas às roupas, comidas, música e adereços usados pelos povos africanos. Em algumas escolas chegou-se a dar aulas da língua iorubá. Em 1989, as escolas de Santana do Livramento, na fronteira do Uruguai, realizaram uma festa negra em praça pública, chamada *Primeira Acoumba Santanense*.

Outra consequência desse trabalho foi a mudança da data das comemorações do dia 13 de maio — data oficial da libertação dos escravos — para o dia 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra e aniversário da morte do líder Zumbi, do Quilombo dos Palmares.

A conscientização, porém, não se dá apenas nessas reuniões, festas e datas cívicas. É no dia-a-dia que o professor pode identificar se as crianças estão mudando o comportamento. “Eles diminuíram muito as brincadeiras racistas. Nas redações, os alunos negros têm se mostrado mais orgulhosos de sua cor e o rendimento escolar, por tabela, vem melhorando”, afirma Vera. Um dos trabalhos desenvolvidos a partir do cotidiano é o questionamento, junto com as crianças, de frases que são ditas sem que se saiba exatamente o seu significado. Tais como: “Isso é coisa de preto”, “A situação está preta”, que vão passando de geração em geração e até as crianças negras usam.

Donos da força de trabalho, sem direitos e bens

D o momento em que foram capturados nos aldeias africanas até os dias de hoje, os negros percorreram uma trajetória de exploração, fome, trabalhos forçados, sem acesso à educação ou informação, alijados para as tarefas brutas numa sociedade que exerce o racismo de forma velada. O perfil da população brasileira negra é, hoje, o resultado disso tudo. E esse perfil está resumido no livro Negro no Brasil. Dados da Realidade (Vozes, 1989), um trabalho de compilação e análise feito pelo IUPERJ (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) sobre dados do IBGE (Censo de 1980). Os primeiros números que indicam a tragédia desse povo referem-se ao índice de mortalidade na travessia do Oceano Atlântico: entre 1792 e 1811, 130 navios aportaram no Brasil e, de cada mil escravos que trouxeram, 94 morreram na viagem. Libertados da regime escravista de trabalho, os negros foram empurrados para as periferias das cidades e para o trabalho no campo. Por isso, em 1980, de cada grupo de 100 moradores da área rural, 56 eram negros — enquanto de cada 100 habitantes das cidades, 40 eram negros. Em 1981, a europeia Ina von Binterdick: “Nesse país, os pretos representam o papel principal: acho que, no Jandá, são mais samboras do que escravos deão brasileiros. Todo o trabalho é realizado pelos pretos, toda riqueza é adquirida por mãos negras”. Hoje, não se chega a isso. Mas a população negra é a maioria dos trabalhadores e é a parcela que menos tem acesso a direitos e bens. De cada 100 trabalhadores que ganham um salário mínimo, 56 são negros. Em composição, de cada 100 trabalhadores que ganham mais de 10 salários mínimos, apenas 11 são negros. E, mesmo assim, a maioria da população negra ou malta acha que nunca sofreu discriminação. Numa pesquisa realizada pelo IUPERJ em 1987, de cada 100 pessoas indagadas, 67 responderam que jamais haviam sofrido discriminação. Se que, na hora de responder ao Inquérito do Censo, a maioria dos malta responde que é branca. No setor da Educação, mesmo com as deficiências dos dados, o quadro é claro: metade da população negra ou malta é analfabeta, contra 14 dos brancos.

Posição	Branco	Negro	Mulato
Empregado	59	34	7
Autônomo	49	6	45
Empregado	81	2	17
Não-remunerado	54	4	42

Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Projetos como esse, desenvolvidos pela professora nos anos 80 do século XX, ensejavam contribuir para o entendimento da história da população negra, a desconstrução de estereótipos e o fortalecimento da identidade e autoestima dos

estudantes, exatamente como, desde 2004, orientam as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

4.2.1 A luta antirracista como compromisso permanente

A história de dedicação da professora Vera Triumpho para a educação antirracista revela o esforço para a construção de uma sociedade mais equânime. Essa trajetória inspiradora demonstra o compromisso e a paixão que a impulsionam a seguir promovendo mudanças positivas na sociedade brasileira. Por meio do seu trabalho, ela criou oportunidades de igualdade para os alunos nas décadas de 1970 e 1980, denunciando o racismo nos livros didáticos e propondo múltiplas ações, como a organização e ministração de importantes formações para que os professores tivessem bagagem para desenvolver a temática racial em sala de aula.

Durante a entrevista, realizada na tarde do dia 23 de abril de 2022, a professora Vera posou para um registro fotográfico (Figura 21), próxima a uma estante, localizada na sala de seu apartamento, segurando o livro, organizado por ela, *Rio Grande do Sul: aspectos da negritude (1991)*. Ela falou, ademais, sobre seu compromisso e determinação em dar continuidade à luta contra o racismo, demonstrando motivação para seguir escrevendo textos e, com seus conhecimentos, combatendo o racismo na Educação, haja vista que as escolas “[...] podem, se houver sincero empenho para tanto, reeducar no sentido do respeito, reconhecimento, valorização, convívio construtivo” (SILVA, 2015, p. 169). Essa vontade reflete a consciência da importância de ações e da convicção de que é possível e necessário promover mudanças efetivas no ambiente escolar.

[...] tenho a responsabilidade de contribuir para a construção de uma sociedade mais equilibrada. Quero ver crianças e jovens com uma educação que os prepare para reconhecer, questionar e superar o racismo [...], almejo um futuro lindo para a população negra. Quero ver negros fazendo faculdade (Vera Triumpho, entrevista, 23 de abril de 2022).

Ao longo de sua trajetória, a professora Vera empoderou crianças e jovens, encorajando-os a acreditar no seu potencial e a lutar pela igualdade de oportunidades, motivando-os a seguir caminhos que pareciam distantes de suas realidades. Além disso, criou um ambiente onde os alunos podiam expressar suas

experiências e perspectivas. Seu trabalho transcendeu os muros da escola e impactou a vida desses indivíduos e a sociedade como um todo.

Seus textos serviram como referência e inspiração para outros professores engajados na luta antirracista, pois ela entendia que a luta contra o racismo é uma batalha coletiva, que envolve a participação de diversas pessoas.

Figura 21 – Vera Triumpho no dia da entrevista para a pesquisa



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] Caminhar exige mudar de lugar, ensina a compreender o mundo, a grande escola. Mais ainda, leva a atinar como o mundo se constrói, a compreender por quais caminhos mulheres e homens o fazem e refazem (SILVA, 2011, p. 160).

Ao escrever o capítulo final desta dissertação de mestrado, recorro às palavras da professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva para expressar minha gratidão e realização por ter caminhado até aqui e ter mudado de lugar: sinto-me, afinal, em um lugar de saberes e de possibilidades. Após meu ingresso no PPGEdU/UFRGS (2020), enfrentei consideráveis obstáculos. Foi um grande desafio realizar um estudo como este, trabalhando em dois turnos, atuando como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, e não posso deixar de registrar o impacto da pandemia do coronavírus (Covid-19), que assolou o mundo.

Percorri um longo caminho para chegar até aqui, e pretendo seguir nesta trilha, em busca de mais conhecimento. Por vezes, parece-me que desapareci na narrativa, justamente porque a professora Vera é gigantesca. Desejo, neste momento, reforçar tal grandeza e sabedoria, que é notadamente orgânica (SANTOS, 2015), destacando-a como uma intelectual negra de destaque na crítica aos materiais didáticos usados nas escolas nos anos em que ela era professora e militante do movimento social negro.

É notório e importante reafirmar que as grandes mudanças nas políticas educativas, no que tange à possibilidade de descolonização dos currículos no Brasil, resultam da ação intelectual de pessoas negras, notadamente mulheres que atuaram e atuam educando a sociedade em geral, especialmente acerca da história e da cultura de uma brasilidade pluriétnica e que seja capaz de combater o racismo em suas estruturas. A militância em agremiações diversas do Movimento Negro organizado tem grande participação na luta pela preservação e obrigatoriedade legal do ensino da história e da cultura do povo negro dentro das instituições educativas. As escolas e universidades passaram a valorizar e a reparar danos que ainda persistem e que ferem os direitos à cidadania da população negra, de forma mais contundente a partir da homologação da Lei 10.639/03. Porém, meu estudo demonstra que essa Lei, e especialmente as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER), resulta de produções e ações de ativistas como a professora Vera Triumpho, capazes de apontar caminhos políticos e pedagógicos já nos anos 80 e 90 do século XX.

A questão racial no contexto brasileiro é historicamente negada, além disso, o mais preocupante é que, dada a invisibilidade de sua abordagem na escola, muitas vezes os educadores ainda sequer perceberam que suas salas de aula são formadas por uma grande parcela de alunos negros e pobres, como já apontara Nilma Lino Gomes (2002). É proeminente o fato de que a resistência de educadores, como a professora Vera Triumpho, produziu ações e formações capazes de configurar uma nova base normativa e curricular, ancorada em outra ética e estética.

Ao longo desta dissertação, explorei os textos escritos pela professora Vera Triumpho, fazendo um recorte temporal entre uma escrita realizada em 1987 e outra em 1996, considerando o caráter de denúncia ao racismo presente nos livros didáticos das décadas anteriores à sua produção. Percebo que foram muitos textos e que meu estudo teve um caráter mais compilatório e de abertura de caminhos para o aprofundamento do pensamento dessa importante mulher negra gaúcha. Seu importante trabalho não apenas expôs as representações estereotipadas e discriminatórias acerca das crianças negras, mas também propôs alternativas para combater o racismo e promover a igualdade racial no ambiente escolar.

Os resultados analíticos sobre os escritos da professora Vera Triumpho foram compilados na busca por unidades e diversidades. Como unidades, considerou-se a crítica aos currículos e materiais didáticos existentes no período, com ausência da história aprofundada de África e das pessoas negras no Brasil, capaz de incidir sobre a autoestima das crianças e jovens de forma racista e violenta. Igualmente, reincide a proposição de materiais didáticos em perspectiva antirracista. Destaca-se, como diversidade da produção da intelectual, a inserção da crítica e da formação propositiva também nos materiais catequéticos, uma vez que sua militância esteve vinculada aos Agentes de Pastoral Negros.

Finalmente, destaco que os registros analisados nesta dissertação foram essencialmente focados na produção escrita da professora Vera Triumpho, capazes de expressar pistas de uma coletividade em ação nos anos 80 e 90 do século XX. Tal comunidade expressava uma profunda crítica, mas, também, apontava caminhos pedagógicos para o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nos espaços escolares e comunitários. Tais caminhos foram mapeados e propagados em produções escritas, mas descobri que foram, principalmente, estabelecidos e replicados em formações com educadores das escolas e dos Agentes de Pastoral Negros no Rio Grande do Sul.

A preocupação com a positivação e elevação da autoestima das crianças e jovens negros é destacada de forma contundente em toda a sua obra, aqui referenciada e analisada. Tal especificidade formativa, com caráter de trabalho de base, é algo a ser mais bem explorado em futuros estudos.

O trabalho de base é fundamental no desenvolvimento de projetos junto às comunidades, no intuito de se promover a transformação social, tendo por finalidade o fortalecimento, o engajamento e a participação das pessoas, visando a construção de uma sociedade mais igualitária. Assim, a professora Vera Triumpho alcançou municípios pelo interior do estado do Rio Grande do Sul, conhecendo pessoas e convidando-as a juntarem-se na luta contra o racismo.

É um trabalho desenvolvido de acordo com a realidade social e cultural das pessoas, que leva em consideração o contexto no qual estas estão inseridas. Ao penetrar nas comunidades, a professora Vera estabeleceu uma conexão, a exemplo do trabalho realizado por representantes comunitários dos municípios do interior do RS.

Historicamente, o Brasil foi construído com base na escravização de um povo sem suporte das políticas públicas para a posterior inserção na sociedade e construção equitativa de sua cidadania. Dessa forma, a população negra acumula séculos de desvantagens socioeconômicas e políticas, de modo que o racismo é um dos principais instrumentos de sua dominação e exclusão.

Para Munanga (2000, p. 24), o racismo é “[...] uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural”. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas.

Os negros foram a base da constituição da nossa sociedade, para a qual emprestaram sua força de trabalho, sua intelectualidade e cultura, porém permanecem a necessitar da criação de estratégias para sua inserção social equitativa e seu reconhecimento como grupo essencial na construção da riqueza econômica e cultural brasileira. As estratégias, no caso da educadora em estudo, são coletivas ou orgânicas e estão congregadas na forma de crítica à perversidade como crianças negras eram retratadas e tratadas, assim como de proposição de práticas de valorização da cultura afro-brasileira, todas registradas nos textos aqui selecionados para estudo.

Através da análise introdutória desses textos, pude compreender a severidade do problema enfrentado pelas crianças negras nas décadas passadas. Elas eram constantemente retratadas de maneira negativa, marginalizadas e submetidas a estereótipos preconceituosos, o que perpetuava a discriminação racial e causava impacto na sua autoestima e formação de identidade. A professora Vera, ao se deparar com essa realidade, não ficou em silêncio, ela usou sua posição de educadora e desafiou o sistema.

As alternativas propostas pela professora foram transformadoras, ao reconhecer a importância de uma Educação antirracista, que valorize e enalteça a diversidade racial e cultural de seus alunos. Ao desenvolver projetos com representações positivas das crianças negras, ela não apenas desconstruiu estereótipos, mas também ofereceu a autoimagem e a confiança desses jovens estudantes. Além disso, sua abordagem pedagógica enfatizava a necessidade de diálogo e respeito mútuo entre as diferentes etnias, cultivando-se a empatia e a consciência crítica em sala de aula.

A contribuição da professora Vera Triumpho vai além do contexto histórico em que ela atuou. Seus esforços pioneiros continuam a reverberar nos dias atuais, inspirando educadores e pesquisadores a enfrentar o racismo que persiste na sociedade e no sistema educacional. As lições aprendidas com sua luta lembram que a educação desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

É essencial que as instituições de ensino reconheçam a importância de uma abordagem antirracista e desenvolvam de forma efetiva a EREER. Além disso, é fundamental que os professores recebam formação e apoio adequados para lidar com questões raciais em sala de aula, criando um ambiente inclusivo e seguro para todos os alunos.

A dissertação sobre os textos escritos pela professora Vera Triumpho, que denunciou o racismo nos livros didáticos das décadas de 1970 e 1980 e propôs ações, trouxe-me reflexões profundas sobre a necessidade de combatermos o racismo e promover a igualdade racial na Educação. Através de propostas alternativas, ela mostrou que é possível confrontar o racismo nos ambientes escolares.

O conhecimento da trajetória da professora Vera Triumpho, na qualidade de modelo exemplar, é um convite a seguir a jornada de luta contra o racismo, garantindo que a educação seja uma força potente para mudança social e para valorização da diversidade étnico-racial no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. A criança negra, uma criança e negra. *In*: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Educação e raça**: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 75-96.

ADÃO, Jorge Manoel. **O Negro e a Educação**: movimento e política no Estado do Rio Grande do Sul. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. **História do movimento negro no Brasil**: constituição de acervo de entrevistas de história oral. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004. 15 f.

BALDUÍNO Antonio Andreola é o novo professor emérito da UFRGS. **UFRGS**, Porto Alegre, Notícias, 28 mar. 2019. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/balduino-antonio-andreola-e-o-novo-professor-emerito-da-ufrgs>. Acesso em: 02 mar. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997. Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9459.htm. Acesso em: 01 abr. 2023.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília**. Brasília: Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf. Acesso em: 01 abr. 2023.

BRASIL. Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 04 out. 2021.

DCNERER. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF, out. 2004. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf. Acesso em: 01 abr. 2023.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Práticas de poder, política científica e as ciências humanas e sociais: o caso da regulação da ética em pesquisa no Brasil. **História Oral**, v. 17, n. 2, p. 9-29, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/401/pdf>. Acesso em: 01 abr. 2023.

FONTOURA, Maria Conceição Lopes. **Invasão / Ocupação da UFRGS**: diálogo com docentes de cursos de licenciaturas sobre Programa de Ações Afirmativas e Educação das Relações Étnico-Raciais – ERER. 2017. 280 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2017.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. **Aletria: Revista De Estudos De Literatura**, v. 9, p. 38-47, 2002. DOI: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.9.38-47>.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Org.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 492-516.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

hooks, bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos feministas**, v. 3, n. 2/95, 1995.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. Educação antirracista: compromisso detodos. *In*: BRANDÃO, Ana Paula; EITLER, Kitta; SILVA, Priscila Pereira da (Org.). **Maleta Infância**: caderno de atividades. 5. ed. Rio de Janeiro: Futura; Fundação Roberto Marinho, 2013. p. 43-45.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: um estudo sobre análise de dados. *In*: JESUS, Denise Meyrelles; BAPTISTA, Claudio Roberto; VICTOR, Sonia Lopes. **Pesquisa e educação especial**: mapeando produções. Vitória: UFES, 2006. p. 361-386.

MARINHO, Thais Alves; SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. Decolonialidade emulheres negras em Goiás: do afrocatolicismo aos feminismos de terreiros. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 24, n. 1, p. 23-52, jan./jun. 2021.

MEINERZ, Carla Beatriz. Ensino de História, Diálogo Intercultural e Relações Étnico-Raciais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 59-77, mar. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. **Cadernos PENESB**, n. 5, p. 15-34, 2000.

NASCIMENTO, Abdias. Prefácio. *In*: TRIUMPHO, Vera (Org.). **Rio Grande do Sul: aspectos da negritude**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1991. p. 13-14.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Cultura em Movimento** – Matrizes africanas e ativismo negro no Brasil. Coleção Sankofa – Volume 2. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

PELOSO, Ranulfo (Org.). **Trabalho de Base**: seleção de roteiros organizados pelo CEPIS. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução Crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995. 290 p.

RATTS, Alex. A escrita das irmãs/hermanas/sisters: notas preliminares acerca da obra não ficcional de autoras negras. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis, 2013. ISBN 2179-510X.

RATTS, Alex. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

RESENDE, Tatiane. O Batik africano. **Blog Fraternidade Sem Fronteiras**, 27 nov. 2017. Disponível em: [https://www.fraternidadesemfronteiras.org.br/2017/11/27/o-batik-africano/#:~:text=%E2%80%9CBatique%E2%80%9D%20\(ou%20batik\),trouxas%20que%20carregam%20na%20cabe%C3%A7a](https://www.fraternidadesemfronteiras.org.br/2017/11/27/o-batik-africano/#:~:text=%E2%80%9CBatique%E2%80%9D%20(ou%20batik),trouxas%20que%20carregam%20na%20cabe%C3%A7a). Acesso em: 01 abr. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROSEMBERG, Fúlvia; PINTO, Regina Pahim (Org.). **Cadernos de Pesquisa – Revista de Estudos e Pesquisa em Educação**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 63, nov. 1987. Disponível em: https://www.fcc.org.br/fcc/wpcontent/uploads/2019/04/Caderno-de-Pesquisa-63_menor.pdf. Acesso em: 02 jan. 2023.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas: Exu como Educação. **Revista Exitus**, Santarém, v. 9, n. 4, p. 262-289, out./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n4ID1012>

SANTOS, Antônio Bispo dos (Nêgo Bispo). **Colonização, quilombos**: modos e significados. Brasília, DF: UnB/INCTI, 2015.

SCHMIDT, Dinamara Feldens; FABRIS, Eli Terezinha Henn (Org.). **Espaço Educacional e Autoria Social**. Lajeado: FATES, 1996.

SILVA, Julio Menezes. ENCONTROS VIRTUAIS CELEBRAM CONHECIMENTOS DE MATRIZES AFRICANAS. **Ipeafro**, Rio de Janeiro, 10 ago. 2020. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/serie-de-encontros-virtuais-celebra-conhecimento-em-matriz-africana/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves de. Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras. *In*: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204 p. il.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves de. **Entre o Brasil e África**: construindo conhecimentos e militância. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves de. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 9, n. 2, p. 161-187, 2015. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1137>. Acesso em: 06 set. 2020.

SILVA, Rosália de Fátima e. Compreender a “entrevista compreensiva”. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 26, n. 12, p. 31-50, maio/ago. 2006.

SILVEIRA, Poliana Oliveira. Lauro de Oliveira Lima: Contribuições para a educação moderna no Brasil (1960 e 1970). **Pensar a Educação: Em pauta**, 12 set. 2016. Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/lauro-de-oliveira-lima-contribuicoes-para-a-educacao-moderna-no-brasil-1960-e-1970/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

SIMONI, Rosinalda O. C. da Silva. Educação, diversidade e respeito à identidade cultural. **ODEEREE**, v. 6, n. 01, p. 163-182, jan./jun. 2021.

TRIUMPHO, Vera Regina Santos. O negro no livro didático e a prática dos agentes de pastoral negros. **Cadernos de Pesquisa. Revista de Estudos e Pesquisa em Educação**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 63, 1987.

TRIUMPHO, Vera Regina Santos. A questão racial e a educação: uma releitura a partir do povo negro. *In*: TRIUMPHO, Vera (Org.). **Rio Grande do Sul**: aspectos da negritude. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1991. p. 17-25.

TRIUMPHO, Vera Regina Santos. Educação e povo negro. *In*: SCHMIDT, Dinamara Feldens; FABRIS, Eli Terezinha (Org.). **Espaço educacional e autoriasocial**. Lajeado: Fates Editora, 1996.

TRIUMPHO, Vera Regina Santos. Coletivo Estadual de Educadores Negros – compromissos com a educação das relações étnico-raciais. **Identidade!**, v. 6, p. 21-26, 2004.

TRIUMPHO, Vera Regina Santos. A criança negra e a cultura afro-brasileira no Rio Grande do Sul. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Cultura em movimento**: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil. São Paulo: Selo Negro Edições, 2008.

TRIUMPHO, Vera Regina Santos; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Construindo práticas educativas: a experiência dos Agentes de Pastoral Negros no Rio Grande do Sul. *In*: LIMA, Ivan Costa et al. (Org.). **Educação popular afro-brasileira**. Florianópolis: NEN, 1999. p. 103-116. (Série Pensamento em Educação, n. 6).

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: LUTAS PELA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO RS: ESTUDO DA TRAJETÓRIA INTELLECTUAL DE VERA REGINA SANTOS TRIUMPHO

Coordenação: Monique Brito da Silveira

NATUREZA DA PESQUISA: O projeto de pesquisa objetiva compilar e analisar as produções escritas, considerando igualmente as ações e contribuições de Vera Regina Santos Triumpho para a educação, no sul do país, com um recorte temporal nos anos 1980 e 1990 até a promulgação da Lei 10.639/03 e a homologação das Diretrizes correlatas em 2004.

PARTICIPANTE DA PESQUISA: Vera Triumpho.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você participará de uma entrevista aberta, gravada, preenchendo um Termo de que aceita participar da pesquisa. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar a qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo, poderá entrar em contato com a Professora Carla Beatriz Meinerz da Faculdade de Educação/UFRGS, pelo fone (51) 99114.3763 e/ou comigo, pelo fone (51) 991092763. O projeto possui interface com pesquisa aprovada e registrada na Plataforma Brasil e na Comissão de Ética designada pela UFRGS, intitulada *Faculdade de Educação e Movimento Negro Educador: relações construídas antes e*

depois do marco legal das ações afirmativas na Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RISCOS E DESCONFORTO: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade. Destaca-se o possível desconforto pois trata-se da temática do racismo e das Relações Étnico-Raciais na prática educativa escolar e universitária, objeto polêmico e relacionado com atitudes de preconceito e discriminação.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas relacionadas com a proposição de reflexão sobre a educação antirracista, na forma de parcerias que promovam formação continuada com professores, via projetos de extensão e ensino, como seminários e cursos, que se comprometam com a divulgação e o retorno dos resultados de pesquisa aos sujeitos nela envolvidos.

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome do participante

Assinatura do participante

Local e data

Coordenadora da pesquisa

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a Prof^a Dr.^a Carla Beatriz Meinerz, do Departamento da Faculdade de Educação da UFRGS. Caso queira contatar a equipe, pode entrar em contato diretamente com a Prof^a Dr.^a Carla Beatriz Meinerz, pelo telefone (51) 991143763. Maiores informações podem ser obtidas com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS: cepe@cepe.ufrgs.br

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista

1. Conte sua trajetória de militância pela educação antirracista no Rio Grande do Sul, incluindo projetos pedagógicos desenvolvidos em Porto Alegre e nos municípios do interior do estado.
2. Narre como foi o processo de escrever e produzir materiais para a formação no campo da educação antirracista, destacando dificuldades e positivities do processo.
3. Descreva seus sentimentos e posições em relação às ações afirmativas, a legislação decorrente da Lei 10.639/03, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana?
4. Conte tua trajetória de militância pela educação antirracista junto à Faced/UFRGS?
5. Narre suas experiências de militância fora do Rio Grande do Sul (encontros e assessorias, como a experiência durante o mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso).
6. Terias algum material documental que possa ser incluído à pesquisa?